

Feiras

Livres

Joaquim Domingos Roriz
Governador do Distrito Federal

Maria de Lourdes Abadia
Vice-Governadora

Pedro Henrique Lopes Borio
Secretário de Estado de Cultura

Zeneide de Sousa Pantoja
Superintendente do ArPDF

José Leonardo C. De Queiroz
Chefe de Gabinete do ArPDF



Núcleo Bandeirante - Feira Livre.
Autor: Joaquim Firmino. Data: abr. 1972.
Fonte: ArPDF - Fundo: SCS.

FEIRAS LIVRES

Governo do Distrito Federal
Secretaria de Estado de Cultura
Arquivo Público do Distrito Federal
Diretoria de Pesquisa

FEIRAS LIVRES

Cadernos de Pesquisa; 11

Brasília



2004

Arquivo Público do Distrito Federal

Supervisão Geral

Zeneide de Sousa Pantoja – Superintendente

Coordenação

Silvia Regina Viola de Castro - Helcy Fátima Bonifácio Perez Nunes

Pesquisadores

Helcy Fátima Bonifácio Perez Nunes - Silvia Regina Viola de Castro - Viviane Irene Fonseca Dornas

Revisão e Aprovação

Conselho Editorial do Arquivo Público do Distrito Federal

Presidente: Zeneide de Sousa Pantoja. **Membros:** José Leonardo C. Queiroz/Doranilde Barbosa/Silvia Regina Viola de Castro/Luciana Maria Rodrigues Gresta/Carlos Almeida Cardoso/Virgínia de Fátima Gonçalves/Anderson Sousa Matias. **Normalizadora:** Elaine Marly L. Lima. **Redatora:** Valda Maria de Queiroz. **Suplentes:** Viviane Irene Fonseca Dornas/Adriana Gonçalves Silva/Aldair Silva Couto. **Secretário:** Ailton Fernandes da Silva. **Suplente:** Cláudio Márcio Almeida de Lima

Apoio Técnico

Doranilde Barbosa – Elaine Marly Leal Lima

Normalização

Elaine Marly Leal Lima – Bibliotecária – CRB 1ª Região nº 1131

Apoio Logístico

Ana Rogéria Martins Oliveira – Arquimedes Silva Costa – Clêmia Lucas de Barros Teixeira – Deuzíria de Carvalho Soares - João Paulo Alencar Monteiro – José Roberto Carlos Silva – Justino Moura de Sousa – Lydia Fernandes Borges – Luiz José Borges Neto – Maria Auxiliadora Santana – Marta Meneleu Brandão Gracindo – Paulo César Gusmão – Zeneide Mendes Pereira.

Projeto Gráfico / Capa

Aldair S. Couto

Setor de Áreas Públicas – lote B – bloco 41 – Novacap

CEP: 71.215-000 – Brasília-DF

Tel.: 361.1454 – e-mail: arpdf@arpdf.df.gov.br

Atendimento ao público – segunda a sexta-feira das 9h às 17h.

RT
930.2(817.4)
A7727
EX.03

A 772g Arquivo Público do Distrito Federal

Feiras Livres / Coordenação Silvia Regina Viola de Castro e Helcy Fátima Bonifácio Perez Nunes. -- Brasília, 2004. -- 48 p. -- (Cadernos de Pesquisa; 11).

ISSN: 1413-2524

ISBN: 85-85245-31-X

1. Feira Livre – Distrito Federal (Brasil). 2. Feira Popular – Distrito Federal (Brasil). 3. História Oral – Distrito Federal (Brasil). I. Título.

CDU - 930.2(817.4)

Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida por qualquer meio, sem a prévia autorização deste órgão.

SUMÁRIO

Apresentação	07
1 Introdução	09
2 Histórico	11
3 Depoimentos	13
3.1 Regiões Administrativas	
Águas Claras	
Brasília	
Evilásia Reis do Nascimento.....	13
Brazlândia	
Raimunda Carolinda da Conceição.....	15
Candangolândia	
Alexandre Gonçalves da Silva.....	16
Cícero Messias do Nascimento.....	16
Ceilândia	
Cesário Felix de Souza.....	18
Nair Vitor dos Santos.....	18
Cruzeiro	
José Ribamar Canuto.....	19
Gama	
José de Arimatéia Berto.....	20
Maria do Socorro Silva Moura.....	20
Guará	
Estácio Batista dos Santos.....	21
José Alves da Costa.....	22
Meiry Pires de Amorim.....	23
Pedro Dantas de Carvalho.....	24
Therezinha Romão de Araújo Mavroides.....	25
Lago Norte	
Lago Sul	
Núcleo Bandeirante	
Jandira de Lourdes Andrade.....	27
João Gomes de Anchieta.....	27
José Coelho Neto.....	28
Maria Sabino de Sousa.....	28
Zilda Pereira da Silva.....	29
Paranoá	
Alda de Lima Farrapo.....	29
Luiz Napoleão Bezerra.....	30

Planaltina	
Dolores Maria de Souza.....	31
Elemar Schegiber.....	31
Recanto das Emas	
Maria Inês Felix dos Santos.....	32
Maria Luíza do Nascimento Cordeiro.....	33
Riacho Fundo	
Riacho Fundo II	
Maria Célia Ferreira Barros.....	34
Maria das Graças Pereira Resende.....	35
Maria Soares Campelo.....	35
Samambaia	
Luzimar Rodrigues Santos Rocha.....	36
Maria Rocha Torres de Carvalho.....	37
Sebastião José de Melo.....	37
Vicente Peres da Silva.....	38
Santa Maria	
José Alves Feitosa.....	39
São Sebastião	
Antônio dos Reis Cunha Ladeira.....	40
Edimilson Campelo Couto.....	40
Sobradinho	
Sobradinho II	
Deuselina do Valle Carvalho.....	42
Marconi Weber da Silva.....	42
Sudoeste/Octogonal	
Taguatinga	
Armene Nerces Abrahan Abikian.....	44
Elmiro da Cunha Pinto.....	44
José Cosmo de Paula.....	45
Sebastiana Alves da Silva.....	45
Zenildo Ferreira de Melo.....	46
Varjão	
Sindicato do Comércio Varejista de Feirantes de Brasília – DF	
Francisco Valdenir Machado Elias.....	47
4. Referências Bibliográficas.....	49

APRESENTAÇÃO

Com a tradição de preservar a memória do Distrito Federal e da Capital do país, e oferecer subsídios à pesquisa histórica, com olhares diversificados, que remetem à construção de Brasília com o surgimento das cidades, o Arquivo Público do Distrito Federal lança o Caderno de Pesquisa 11 - FEIRAS LIVRES.

Ancorado na responsabilidade de manter viva a memória histórica da construção de Brasília, busca-se neste trabalho recuperar segmentos de trabalhadores que estiveram presentes e contribuíram de forma decisiva na formação econômica-socio-cultural da sociedade brasiliense.

O curioso é a descoberta da batalha diária com suas tristezas, inseguranças, mesclados de momentos de plena felicidade na busca incansável de um futuro promissor.

Com a expansão do comércio nas feiras permanentes e livres, os depoimentos mostram o sucesso e as dificuldades enfrentadas por alguns deles nos dias atuais e lembranças do passado. Com funcionamento precário e hoje bem estruturadas, muitas feiras mudaram várias vezes de endereço em função do crescimento urbano.

A equipe do Arquivo Público mergulhou fundo na história, proporcionando ao leitor/pesquisador uma descoberta fascinante no decorrer dos depoimentos.

A linha adotada, baseada na História Oral, proporciona uma integração perfeita entre entrevistado/entrevistador, facilitando o resgate histórico realista, vivenciado pelos feirantes, além de registrar o orgulho de sentir, ser e dizer : “Sou feirante com toda honra [...]!”

Assim, coube-me o privilégio de apresentar esta obra, somatória a tantas outras publicadas pelo ArPDF, disponibilizadas aos leitores do Distrito Federal.

Zeneide de Sousa Pantoja
Superintendente

1 INTRODUÇÃO

As feiras em Brasília, com suas características regionais e identidade própria, remetem aos costumes e resgata a história vivenciada pelo povo que constitui a população candanga. Na maioria das Regiões Administrativas há uma, ou várias feiras. De caráter livre, permanente, as feiras, cada vez mais, consolidam-se como espaço de cultura na memória do Distrito Federal, além de ser uma atividade de relevância econômica e de sobrevivência de milhares de pessoas. Elas representam instituições comerciais, centros de compras, que funcionam também como ponto de encontro de conterrâneos e de pessoas que a compõem, povo que saiu de seu estado de origem, chegou a Brasília apostando num novo ideal.

Brasília foi formada de uma mistura regional dos quatro cantos do país. Norte, Sul, Leste, Oeste. Neste contexto afirma-se que em cada feira de Brasília encontra-se um pedacinho de cada região, da comida típica ao som regional, com suas cores, aromas e bom atendimento.

Tal fato despertou a curiosidade dos técnicos da Diretoria de Pesquisa e foi iniciada a pesquisa histórica e bibliográfica preliminar na Biblioteca do ArPDF, referente ao tema. Com a determinação desta Diretoria e anuência da Superintendência do ArPDF, foi elaborada a publicação com fatos históricos sobre as feiras no Distrito Federal, alicerçado principalmente em depoimentos orais de antigos e atuais feirantes, na certeza que dessa busca conseguisse resgatar a história do surgimento das feiras nas Regiões Administrativas, garantindo às futuras gerações o conhecimento do tema na formação do processo econômico-socio-cultural do povo brasiliense.

A pesquisa constatou que existem atualmente no Distrito Federal 58 feiras regulares, contando com aproximadamente 19.000 feirantes. A maioria funciona aos sábados, domingos e feriados, conforme estimativa feita pelo Sindicato do Comércio Varejista de Feirantes de Brasília - DF.

“[...] hoje nós temos 58 feiras, a base do nosso sindicato hoje são 19 mil feirantes. Nas 58 feiras que nós temos, temos feira elite e feiras pobres demais [...]” (ELIAS, 2004, p. 12. DO).

As citações com as abreviaturas DO referem-se aos depoimentos orais, resultado das entrevistas efetuadas pela equipe durante a execução do Projeto FEIRAS LIVRES.

2 HISTÓRICO

As feiras e as festas associam-se desde a Idade Média e o Renascimento. A cultura popular não oficial dispunha de um território próprio: a praça pública e de uma data própria para os dias de festa e de feira. A praça pública era o ponto de convergência, (de sociabilidade). De certa forma gozava de um direito de “exterioridade” no mundo da ordem e da ideologia oficiais, e o povo aí tinha sempre a última palavra. Um tipo de comunicação humana dominava: o comércio livre e familiar (BAKHTIN, 1987, p.132-133).

Tais aspectos revelavam-se inteiramente nos *dias de festa*. Os períodos de feira coincidiam com os últimos dias de festa e duravam habitualmente muito tempo e tinham uma importância especial. A célebre Feira de Lyon (França) durava 15 dias e eram realizadas quatro vezes ao ano, num total de dois meses completos (id., 1987, p. 132-133)

No Brasil, desde os tempos da coroa portuguesa, ninguém sabe ao certo quem cunhou a frase que diz que o “freguês tem sempre razão”. Ela não é apenas uma das principais divisas do bom comércio, como também pode ser considerada uma peça fundamental no motor que move o mundo.

Apesar de ser uma prática tão antiga, as feiras somente tiveram o reconhecimento formal da administração pública, no Rio de Janeiro, foi editado o Decreto nº 997, de 13 de outubro de 1904. Em 1914 foi criada a Feira Livre por ato do Prefeito Washington Luiz P. de Souza, não como projeto novo, mas sim, como reconhecimento oficial de algo que já existia tradicionalmente, na cidade de São Paulo. Já no Rio de Janeiro no ano de 1916, em decorrência do grave problema do abastecimento pelo qual passava a cidade em consequência da Primeira Guerra Mundial, foi expedido pelo Prefeito Azevedo Sodré o Decreto nº 1752, que autorizava o funcionamento de feiras e mercados livres em dias da semana previamente designados.

Nessa época, as feiras livres assumiram um papel tão importante no abastecimento da cidade, que eram estimuladas pelo próprio governo, por meio do Fomento Agrícola. No Rio de Janeiro já em 1933 os feirantes se organizavam e tinham inclusive um jornal de classe chamado “Feirante”. Na feira livre de algumas ruas ou praças, se comercializa todo tipo de produto que aos sábados, ocupa parte considerável da cidade.

As transformações dessas feiras foram ocorrendo aos poucos, mas sempre impulsionadas pela máxima de dar razão ao freguês, na busca de conforto em cada década, dependendo da tecnologia à disposição.

Quem nunca ouviu falar da época da construção de Brasília, por volta de 1956, do chamamento do presidente Juscelino Kubitschek conclamando o povo brasileiro a construir a capital em pouco mais de três anos e cinco meses?

Imediatamente, o povo respondeu, e para cá vieram caravanas e mais caravanas, todos em busca de uma vida melhor, do seu sonho. No início a oferta de trabalho era grande, todos tinham oportunidade de emprego. O tempo foi passando, Brasília já era uma realidade, mas não parava de chegar levas de brasileiros atrás de trabalho, de dias melhores. Goianos, mineiros, sulistas e principalmente os nordestinos, estes enfrentavam escassez de emprego devido aos constantes períodos de seca.

Com a construção de Brasília as atividades comerciais concentraram-se na Cidade Livre, hoje Núcleo Bandeirante, por meio do Mercado Diamantina, o grande pioneiro das feiras e abastecedor da cidade. Para viajarmos um pouco mais no tempo e quem sabe até sentirmos o cheiro, Tamanini descreve:

“Fazer compras era ‘um programa’, cheio de emoções e surpresas, numa viagem de 50 quilômetros, ida e volta, à Cidade Livre, onde quase tudo tinha que ser adquirido. O velho Mercado Diamantina, labirinto ‘persa’ que se fôra ampliando sem planejamento nem cuidado, concentrava o burburinho ruidoso, alegre, festivo, dos vendedores e fregueses e reservava imprevistos a cada passo. Ali tinha de tudo, desde o lombinho de porco, a carne de sol, a lingüiça feita na véspera, até o chapéu de palha, a foice, a pá, as calças de brim, a cachaça; desde o coentro cheiroso, a salsa, a cebolinha, até o borzeuim de couro cru, o facão, o fumo de rolo, o perfume barato, o sabonete gessy. Havia de tudo ali, numa mistura absurda de cheiros e de cores, que produzia em todo mundo um sentimento bom de alegria de viver, de participação e de fraternidade. Saudade.” (TAMANINI, [1994]).

Núcleo Bandeirante era uma cidade que pulsava, que fervia, sua população crescia demasiadamente e outras foram surgindo na tentativa de acomodar melhor o povo e também em decorrência do caráter provisório da Cidade Livre. A dificuldade de abastecer estas novas cidades favoreceu o surgimento das “feirinhas”, para suprir essa necessidade da população.

Surgia assim, uma alternativa para o aproveitamento da mão-de-obra não especializada, que não encontrou espaço na economia formal do Distrito Federal. Dessa forma foram surgindo as feiras livres, em cada canto da cidade, uma prática comercial tão antiga, adaptada para resolver o problema de tantos brasileiros.

“[...] a feira, isso é posso te dizer que é milenar, feira é milenar [...] desde na época de Jesus Cristo existiam feiras.” (COSTA, 2004, p. 11. DO.)

A feira, apesar de constituir uma prática mundialmente antiga, aqui no Distrito Federal, teve o reconhecimento formal pela Administração Pública por volta de 1971, quando o Estado resolveu exercer um maior controle sobre tal atividade, visando o reordenamento da cidade.

Criadas por força do Decreto nº 1635, de 10 de março de 1971, da Câmara Legislativa do Distrito Federal, da Lei nº 235 de 15 de janeiro de 1992, da Lei nº 1828 de 13 de janeiro de 1998, com alterações e revogações, as feiras hoje têm um papel fundamental para a vida cultural, econômica e social do povo brasiliense.

“[...] tanto faz você ter dinheiro ou ter muito ou pouco você vai de qualquer forma numa feira. Então isso é muito importante para Brasília, é muito importante para as demais cidades, você vê, feira existe desde a Antigüidade, sempre existiu feira e se existe é porque realmente é muito importante.” (AMORIM, 2004, p. 26 e 27. DO.)

3 DEPOIMENTOS

3.1 Regiões Administrativas

Águas Claras

A Administração Regional de Águas Claras informou que não existe feira livre na região.

FONTE: Administração Regional de Águas Claras.

Brasília

A Feira de Artesanato da Torre de TV (FATV) foi criada no final da década de 60, quando alguns artesãos começaram a expor seus produtos sem nenhuma organização. Aos poucos, novos artesãos foram se agregando e, posteriormente, devido ao grande número de expositores, a Secretaria de Viação e Obras do GDF começou a fiscalizar a feira.

Com a implantação do Programa de Desenvolvimento do Artesanato – PDA, em 1980, a administração da feira passou a ser de responsabilidade da Secretaria de Serviço Social. Em 1991, o Programa foi transferido para a Secretaria de Trabalho.

A FATV iniciou-se com o artesanato chamado “puro e popular”, entretanto, com o passar do tempo e, devido as correntes migratórias de todo o país que para cá vieram na época da construção da Nova Capital, esse tipo de artesanato foi se descaracterizando. Hoje, o artesanato da Feira da Torre é um autêntico mosaico cultural que vai, desde o popular, passando pelo artístico, utilitário e trabalhos manuais.

Atualmente, a Feira abriga cerca de 600 artesãos nas diversas categorias: tecelagem, tapeçaria, cerâmica, flor do cerrado, couro, madeira, fibras e vegetais, metal, bijuterias em geral e uma gama de trabalhos manuais.

Além dos artesãos, existem 52 artistas plásticos que também utilizam esse espaço para exporem seus trabalhos. Estão também instalados naquela área 26 manipuladores de alimentos que dão suporte para os expositores e o público visitante.

FONTE: Administração Regional de Brasília/Divisão Regional de Serviços Públicos

Evilásia Reis do Nascimento

Nasceu na cidade de Salvador, Bahia no dia 20 de setembro de 1925, filha de Vitor Joaquim do Nascimento e Maria do Espírito Santo Reis do Nascimento. Solteira, mãe de seis filhos, chegou a Brasília em 1969, é feirante há 35 anos.

“[...] o povo trabalhava no tempo, chegava de manhã montava assim um lugar e trabalhava quando era de tarde tinha que juntar tudo levar e no outro dia tornar a levar que era só sábado e domingo. Depois, muito tempo, entrou um novo administrador foi que autorizou a se fazer às barracas, mas tinha que montar dia de sexta-feira de tarde, e desmontar ou domingo de noite ou segunda-feira de manhã.”

“O que me levou a trabalhar no comércio de feira foi a decadência de costura, que eu deixei a costura por uma vez. Assim como eu trabalhava muito, hoje eu faço roupa, eu tenho muito tecido em casa. Eu faço roupa, mais é muito pouco. Então eu me adaptei a esse trabalho de feira por causa de sustentar a mim e a ajuda que eu dou para os meus filhos [...] acarajé, cocada, bolo de mandioca, cuscuz, beiju e quando recebo uma encomenda, de uma moqueca de peixe, sarapatel, bobó de camarão, uma panela de vatapá, feijão branco com dobradinha, feijoada, cozido de carne com verduras que faz aquele pirão daquele caldo, é isso que hoje eu trabalho [...] é a única coisa que levanta um pouco a situação do pessoal que trabalha na feira na área de alimentos, é comida [...] há 34 anos [...] é que estou aqui em Brasília e mexendo com isso aqui.”

“Ah, eu sei lá! Eu me sinto bem, ainda mais que as pessoas me tiram assim como uma baiana educada, que dou atenção a todo mundo, eu não sou grossa com as pessoas, eu procuro sempre ser assim querida, eu tenho freguês da época que eu comecei a trabalhar, que ele era jovem, hoje é casado, tem filho e já é avô.”

“Mudou muito! Mudou muito, passaram muitos administradores que foi melhorando a postura da feira, foi autorizando-se a fazer melhoramento que hoje você está vendo. Hoje já tem aquelas barracas, mais firmes, melhor e atualmente estão bem melhores as barracas, mais seguras, mais limpas, temos luz agora, água, podemos botar cerâmica no chão [...] o pessoal já tentou muito tirar essa feira dali. Eles atualmente estão dizendo que a feira, que eles vão acabar com o heliporto e vai botar a feira pra baixo. Mas isso não é nada certo porque aquilo ali é um patrimônio histórico, e foi plantado ali como um ponto turístico da feira da Torre de TV, que chama-se Arte e Artesanato.”

“[...] muita gente aqui de Brasília, e muita gente que já morou aqui em Brasília, que saiu daqui, que mora fora e que vem aqui visitar Brasília eles correm muito atrás da feira da Torre, valoriza muito [...]. Eu acho que tem uma grande importância, agora eu acho que existe feirante ali que não sabe dar valor a essas pessoas, porque muitas vezes tem pessoas que chega e diz assim, ‘ah! Baiana mais aqui tem tanta gente grossa, que não sabe tratar a gente’, então eu acho que esses feirantes não sabem valorizar essas pessoas.”

“Da feira da Torre a visão que eu tenho é essa que eu já lhe falei [...]. Uma feira para mim boa, é uma feira que eu graças a Deus não tenho o que reclamar, eu vendo minha mercadoria, tiro meu sustento, pago minhas dívidas, ajudo meus filhos, faço o que é necessário [...]. Ah, no dia a dia está sendo isso, que é uma coisa que a gente consegue trabalhar, consegue se manter, pagar, fazer dívida, se ajudar, ajudar alguém, é isso que a gente tem.”

Brazlândia

A feira permanente está localizada entre o Setor Norte e o Setor Sul, na SDCN AE nº 01. Tem uma estrutura metálica, é toda coberta, os corredores são espaçosos, é bem conservada e limpa. Funciona de terça a domingo, e fecha às segunda-feira, para limpeza, manutenção e conservação.

Foi inaugurada em maio de 1988, com área total de 3.750 m² e 179 boxes.

O comércio é variado: açougue, peixaria, aves domésticas, lanches, restaurantes, barbearia, brinquedos, doces e queijos, hortifrutigranjeiros, armarinhos, confecções de

roupas em geral, sapataria, bijuterias e ferragens em geral. Aos domingos funciona a feira dos produtores rurais de Brazlândia.

FONTE: Administração Regional de Brazlândia/ Serviço de Administração de Feiras.

Raimunda Carolinda da Conceição

Nasceu na cidade de Catolé do Rocha, Paraíba, no dia 2 de maio de 1947, filha de Cícero Ferreira Cavalcante e Carolinda Maria da Conceição. Casada com João Francisco de Andrade, mãe de seis filhos, chegou a Brasília em 1966, é feirante há 22 anos.

“[...] eu vim para Brasília, e começamos a trabalhar, ele trabalhava na construção de Brasília, e eu em uma frutaria, e isso nós fomos tocando a vida. Depois ele falou que não ia mais trabalhar em construção, ele foi vender melancia, aí viemos para a feira. Foi da vez que nós viemos para a feira, ficamos oito anos vendendo verdura. Depois passamos para carne.”

“As bancas eram umas lonas, uns paus. Somente umas cordas, a gente amarrava as lonas quando vinha chuva carregava tudo, a gente ficava sem nada, descoberta na chuva, muito vento, muita poeira, muita lama, que era uma descida em um estacionamento, mas agora foi uma benção que Deus mandou para nós, que hoje nós estamos em uma feira muito boa.”

“[...] só não é que nem era de primeiro, porque de primeiro não tinha comércio aberto, não tinha supermercado aberto. E hoje tem, nós temos por obrigação fechar as segundas-feiras, somos feirantes, nós temos por obrigação fechar a feira nas segundas-feiras e o comércio não fecha no domingo, que deveria fechar [...] foi isso que caiu muito o movimento da feira, se fechasse hoje o comércio dia de domingo, a gente se levantava também.”

“Acho que é muito importante, porque lá eles encontram todas frutas que eles querem, todas verduras, roupas, calçado, carne de melhor qualidade, pelo menos da minha que eu vendo é de melhor qualidade, não tem uma em Brazlândia melhor que a minha.”

“Eu acho que é muito boa! Eu prefiro ir em uma feira de que simplesmente ir em um shopping. Eu não sei se é porque eu trabalho na feira, porque lá você encontra muita gente, pensa que a gente é feirante, somos coitados, mas não é, não é bem assim, a gente trabalha na feira porque gosta, ama trabalhar [...]. É muito agitado, mas é muito gostoso ser feirante. Eu acho muito gostoso de trabalhar na feira, para mim é bom demais, me distraio, a gente conversa com os amigos, tem assim um dia-a-dia muito bom!”

Candangolândia

A Feira Livre da Candangolândia surgiu em meados de 1986, com instalação provisória na praça central da cidade. A intenção foi tentar amenizar a deficiência comercial da cidade em todos os aspectos. Em 1987, foi transferida para uma outra área, também provisória mas, com um número bem maior de bancas.

Devido às condições precárias das instalações, e aquisição do terreno ocupado pela Igreja São José Operário, mais uma vez a feira teve que ser removida, porém desta vez em caráter definitivo. O galpão foi construído e em 1998, os feirantes ocuparam a área com 133 boxes.

Desde sua ocupação a Feira Livre da Candangolândia comercializa: hortifrutigranjeiro, confecções, açougue, peixaria, bazar e comidas típicas.

FONTE: Administração Regional Candangolândia.

Alexandre Gonçalves da Silva

Nasceu na cidade de Brasília de Minas Gerais, Minas Gerais no dia 16 de novembro de 1947, filho de Marçal José Ribeiro e Joana Cardoso da Cruz. Casado com Therezinha de Jesus Pereira Queiroz, pai de quatro filhos, chegou a Brasília em 1979, é feirante há 18 anos.

“E como feirante, nunca esqueci do feirante, sempre é na luta e eu plantava a horta, eu trabalhei um ano e um mês nos dois serviços. Trabalhava no SLU à noite no prédio da Polícia Federal [...] e quando eu saí fui para plantio de horta e para feira [...] dá uma ajudazinha para a vida da gente [...]”

“Essa feira surgiu aqui perto do Salão Comunitário, a gente levava coisinhas lá, todo mundo forrava uns panos e colocava lá no chão. Forrava uma lonazinha e colocava, cada um tinha o seu local de colocar, eu chegava lá com meu carrinho de verdura também [...] vai até que chegou o tempo que nós mudamos lá para baixo, e fizeram os barraquinhos perto da Igreja, que aquela área ali era toda feira de barracas, onde que é a Igreja hoje.”

“[...] muitas vezes é aquele movimento, todas as cidades não tem a feira? Então eu acho que é importante ter a feira [...]”

Cícero Messias do Nascimento

Nasceu na cidade de São Miguel dos Campos, Alagoas, no dia 3 de maio de 1937, filho de Manuel Otero do Nascimento e Maria José da Conceição. Casado com Maria Nelcy Silva do Nascimento, pai de oito filhos, chegou a Brasília em 1957, é feirante há 28 anos.

“Rapaz, eu moro na Candangolândia desde 76, 77 [...] foram as primeiras barracas armadas lá, as primeiras que foram colocadas, uma meia dúzia de barracas, eu fui junto, armar as primeiras barracas, depois foi aumentando.”

“Rapaz, o dia-a-dia do feirante é bom porque ele levanta 6 horas, arruma as coisas, leva para a feira, [...] e fica naquela correria, vai e volta achando que está levando grande vantagem. Mas é o emprego dele, não tem outra coisa [...] então ele tem que ficar ali dias e dias até quando der certo [...]. Antigamente era pior, que antigamente eu tinha que levantar 5 horas da manhã, pegar ônibus, eu tinha que correr atrás de mercadoria, hoje não. Não era construído, a gente tinha que armar, desarmar barraca [...] hoje você já tem lá o seu negócio construído, seu box construído.”

“Olha, eu creio que isso aí, o que se quer dizer, dizer feira, eu acho que é ajudar a população, porque a feira foi criada para ajudar a população em preços menores [...] então por isso que a feira é muito importante para a comunidade.”

“Ser feirante para mim é bom, eu me sinto bem [...] não é que eu goste, mas é um campo que a gente se sente assim mais à vontade.”

Ceilândia

As feiras livres e permanentes de Ceilândia representam uma parte da economia da cidade, auxiliam no sustento da família do feirante e na geração de emprego. Seus produtos bastante variados são acessíveis ao assalariado pelo fato de o preço ser inferior ao mercado. As feiras oferecem, também, parte do lazer da comunidade nos fins de semana.

A Feira Central de Ceilândia foi inaugurada em 1972 em local provisório. Em junho de 1984 foi para o local definitivo a CNM 02 – Ceilândia Centro. Possui 462 boxes, funciona de quarta a domingo de 7h às 18h. Criada por meio de Ordem de Serviço nº 132 de 28 de dezembro de 2001 e da Lei nº 1828 de 13 de janeiro de 1998. Comercializa: confecções, calçados, cereais, ferragens, comidas típicas, doces – queijos, temperos, açougue, aves vivas e abatidas, peixaria, frutas – verduras e lanches.

A Feira da Guariroba foi inaugurada em 25 de agosto de 1988 na QNN 38 Área Especial nº 01 – Guariroba. Possui 736 boxes. Funciona de segunda a domingo de 7h às 18h. Criada por meio da Ordem de Serviço nº 132 de 28 de dezembro de 2001 e da Lei nº 1828 de 13 de janeiro de 1998. Comercializa: confecções, calçados, cereais, ferragens, comidas típicas, doces - queijos, temperos, açougue, aves vivas e abatidas, peixaria, frutas – verduras e lanches.

A Feira do Setor “O” foi inaugurada em 1988 na QNO 10 Área Especial F, G, e H – Setor “O”. Possui 476 boxes, funciona de segunda a domingo de 7h às 18h. Criada por meio da Ordem de Serviço nº 132 de 28 de dezembro de 2001 e da Lei nº 1828 de 13 de janeiro de 1998. Comercializa: confecções, calçados, cereais, ferragens, comidas típicas, doces – queijos, temperos, açougue, aves vivas e abatidas, peixaria, frutas – verduras e lanches.

A Feira do Setor P – Norte foi inaugurada em 1985 na QNN 37 Área Especial nº 01 – Setor P Norte. Possui 428 boxes, funciona de segunda a domingo de 7h às 18h. Criada por meio da Ordem de Serviço nº 132 de 28 de dezembro de 2001 e da Lei nº 1828 de 13 de janeiro de 1998. Comercializa: confecções, calçados, cereais, ferragens, comidas típicas, doces – queijos, temperos, açougue, aves vivas e abatidas, peixaria, frutas – verduras e lanches.

A Feira do Setor P – Sul foi inaugurada em 1991 na EQNP 26/30 – Setor P Sul. Possui 148 boxes, funciona de segunda a domingo de 8h às 18h. Criada por meio da Ordem de Serviço nº 132 de 28 de dezembro de 2001 e da Lei nº 1828 de 13 de janeiro de 1998. Comercializa: confecções, calçados, cereais, ferragens, comidas típicas, doces – queijos, temperos, açougue, aves vivas e abatidas, peixaria, frutas – verduras e lanches.

A Feira do Povo foi inaugurada em 1997 na QNM 15 Área Especial – Ceilândia Sul. Possui 430 boxes, funciona aos domingos de 7h às 16h. Criada pela Ordem de Serviço nº 132 de 28 de dezembro de 2001 e da Lei nº 1828 de 13 de janeiro de 1998. Comercializa produtos novos e usados, possui lanchonetes.

A Feira do Atacado foi inaugurada em 1982 na CNN 02 em caráter provisório e em 1º de outubro de 1997 em local definitivo à QNP 01 Área Especial – Setor P- Norte. Possui 342 boxes e 318 pedras, funciona às terças, quartas, sextas e sábados das 5h às 18h. Criada pela Ordem de Serviço nº 132 de 28 de dezembro de 2001 e da Lei nº 1828 de 13 de janeiro de 1998. Comercializa: frutas – verduras e lanches.

FONTE: Administração Regional de Ceilândia/Divisão Regional de Serviços Públicos.

Cezário Felix de Souza

Nasceu na cidade de Nova Russas, Ceará, no dia 13 de fevereiro de 1946, filho de Francisco Felix de Souza e Maria Cosme da Silva. Viúvo, pai de três filhos, chegou a Brasília em 1965, é feirante há 22 anos.

“[...] essas feiras foi o seguinte, elas surgiram aqui da Guararioba, nós trabalhávamos na 28 do P. Sul, então naquela época, Maria de Lourdes juntou foi de feira tudo, emendou e ficou uma feira grande [...] era uma invasão naquela época, então como eles precisavam daquele ponto ali ao lado do Tatico, que hoje está passando o metrô [...] eles juntaram essa da Guararioba com a nossa do P. Sul, aí veio para cá, para a Casa do Cantador [...] não mudou muito, a feira melhorou muito para nós [...]”

“O trabalho dos feirantes é um trabalho muito cansado [...] é cansativo [...] hoje é dia de limpeza [...] dia de segunda normalmente é limpeza [...] trabalha a semana inteira [...] você está pensando que está servindo a pessoa de bom gosto, ela já saiu de má vontade, você chega em casa tarde, eu pelo menos chego em casa domingo à tarde, venho doído da cabeça.”

“Antigamente era mais fácil do que agora [...] vendia mais, e tudo era mais barato, hoje em dia [...] é difícil demais, tudo caro.”

Nair Vitor do Santos

Nasceu na cidade de Santo Agostinho, Minas Gerais, no dia 29 de setembro de 1939, filha de Belarmino Vitorio e Ana Florentina dos Santos. Viúva, mãe de cinco filhos, chegou a Brasília em 1962, é feirante há 28 anos.

“Eu achei mais assim leve do que trabalhar assim nas casas e achei melhor trabalhar na feira [...] comecei vendendo laranja [...] vendia laranja, milho verde, aquela misturada toda e depois então a gente [...] passei a vender um lanchezinho, que a gente está com lanche ainda, até hoje.”

“[...] A feira é bom, é muito bom, só que a concorrência tomou conta de um jeito, que você fica perdida ali no meio daquela feira [...]”

“A feira da Ceilândia foi muito melhor, lá eu chego abro só as portas, entro dentro da banca, arrumo as coisas e de primeiro não, eu não tinha essas coisas, tinha que levar, chegar lá armar, na hora de ir embora meio-dia, 1 hora mais ou menos que termina a feira, de Taguatinga então já tinha que estar tirando, era muito cansativo, lá melhorou.”

“Como feirante eu acho bom a feira, que eu nunca [...] eu não tive o meu emprego. O meu emprego que eu tenho é a feira, pude criar os meus filhos ali, estou dependendo da feira [...] aquele dinheirinho pingadinho, tinha dia que eu não podia nem comprar uma roupa para ela porque tinha que pagar a faculdade mas com graça [...] pagava [...] então eu agradeço muito a feira que a gente tem, que é o emprego que eu tenho [...].”

Cruzeiro

A Feira Permanente do Cruzeiro iniciou na Quadra 10 em 1962, com bancas de madeira no sistema de monta e desmonta. Mudou para o local atual com bancas em madeira fixa em 1989 e em 1990 foi feita a obra de cobertura da feira com o projeto de distribuição dos boxes e lojas, foi regulamentada em 1993, antiga reivindicação dos moradores do Cruzeiro.

Os produtos comercializados atualmente são: hortifrutigranjeiros, cereais, açougue, lanchonete, confecção, embalagens, queijos, doces e aves.

FONTE: Administração Regional do Cruzeiro.

José Ribamar Canuto

Nasceu na cidade de Picos, Piauí, no dia 30 de dezembro de 1947, filho de João Canuto de Macedo e Anísia Marques da Silva. Casado com Maria Irene de Jesus Canuto, pai de quatro filhos, chegou a Brasília em 1970, é feirante há 33 anos.

“Aqui em Brasília toda vida trabalhei em feira, lá em Picos eu comecei negociar em feira também, mas só que lá era cereais. Com 12 anos, a gente por ser muito pobre procurei é esse ramo de negociar porque eu achei que era um ramo melhor para você ganhar mais um dinheiro, mais fácil de que na roça. Então eu vim para Brasília servir o exército, mas quando eu cheguei fui dispensado, então eu procurei uma feira que era aqui nos fundos da minha casa na época, tinha sete barraquinhas, então eu comprei uma dessas barraquinhas e continuei até hoje trabalhando em feira.”

“[...] meus produtos são muitos, mais ou menos uns 50, 60 produtos [...] de frutas e verduras em geral [...] 33 anos [...] como feirante do Cruzeiro, nunca mudei do Cruzeiro, toda vida [...]”

“[...] eu vou contar. Nos fundos da minha casa, onde eu comecei, tinha um japonês velho por nome seu Orace, um caminhão velho, ele botava as frutas em cima, frutas e verduras, chegava aqui, descia aquelas grades do caminhão, abria uma lona e ficava debaixo da barraca coberta com lona. Foi encostando mais gente, foi encostando gente, até que formou uma feirinha boa [...] quando eu cheguei aqui mesmo, que essa feira que eu estou falando era de lona, tinha seis, sete barraquinhas e lama [...] no início armava e desarmava todo dia.”

“[...] foi porque essa feira daqui foi melhorando, daqui saiu e já foi para outro local com asfalto, já bem melhor, definitivo. Já foi definitivo, as barraquinhas definitivas já foi coberta de telha, então o negócio começou a melhorar aí. A partir daí a gente passou uns cinco, seis anos nessas barraquinhas já organizadas, com documento, com tudo, aí o Joaquim Roriz, na época que ele foi o governador, prometeu para a gente que ia construir uma feira permanente, então construiu, que foi essa que nós estamos trabalhando hoje, ele prometeu e cumpriu.”

Gama

Possui diversas feiras: Feira Permanente desde 1996 localizada no Setor Norte-Gama; Feira dos Goianos, surgiu há mais ou menos 18 anos próximo das Organizações Lima, formada por goianos que vinham com suas carroças, a princípio com legumes e recentemente com hortifrutigranjeiros, confecções, calçados, etc.; Feira João XXIII, como a comunidade freqüentava a feira dos goianos aos sábados, pediam que abrangessem atendimento mais próximo dos locais de moradia da comunidade. Os goianos aos domingos subdividem o grupo em três : um grupo fica no Setor Leste, outro vai para o Setor Sul, outro grupo vai para Santa Maria, onde trabalham há um ano. Os feirantes já atendem a comunidade nesses setores há mais ou menos dez anos com hortifrutigranjeiros; Feira do Setor Leste; Feira da Vila Roriz que surgiu com um ônibus de um japonês que ali estacionava e vendia verduras à comunidade há mais ou menos três anos. Os feirantes logo se fixaram expandindo a feira com produtos diversos.

Como o próprio nome já diz, as feiras livres surgiram de forma desordenada, não havia um controle específico de quantas bancas ali se estabeleceram, uma vez que surgiam novos feirantes vendendo os seus produtos.

FONTE: Administração Regional do Gama/Seção de Adm. de Feiras.

José de Arimatéia Berto

Nasceu na cidade de Luiz Gomes, Rio Grande do Norte, no dia 10 de março de 1956, filho de Antônio Berto da Silva e Beatriz Gomes da Silva. Casado com Maria Gomes da Silva, pai de dois filhos, chegou a Brasília em 1975, é feirante há 27 anos.

“Era melhor de que hoje essas daqui, porque só funcionava duas vezes na semana, sábado e domingo, naquela época tinha um, dois mercados no Gama, não vendiam hortifrutigranjeiros, então a gente vendia mais e ganhava mais nas feiras... a estrutura era péssima, feira livre na lama, na chuva, no sol, era horrível [...] A feira permanente do Gama, aliás só do Gama não, em nível nacional de Brasília, cada cidade satélite foi construindo, os administradores, o governo naquela época.”

“[...] igual à hoje, você chega no Gama, nós temos três feiras livres, sábado na feira dos goianos, a região ali antiga, onde era a antiga SAB, tem uma na entrequadra, na Q. 7/ 9 no Setor Leste domingo e tem uma na Q. 4 do Setor Sul, no domingo.”

“[...] eu me sinto orgulhoso ser feirante, eu sou um comerciante, eu não me considero como feirante [...] agora que é um comércio visto por a maioria da população tipo assim [...] o pessoal não olha com bons olhos o feirante, eu gosto, trabalho que gosto [...] então para mim, eu adoro, eu gosto de ser feirante, eu gosto, trabalho que gosto [...] está bom demais, ajudei meu pai, até hoje ajudo, mando sempre dinheiro para ele lá, vem de onde? Das feiras, vendo melancia e mando dinheiro para o Rio Grande do Norte para meus pais.”

Maria do Socorro Silva Moura

Nasceu na cidade de Afogado da Ingazeira, Pernambuco, no dia 17 de janeiro de 1948, filha de Pedro José da Silva e Maria Pereira da Silva. Casada com Dorival de Moura e Silva, mãe de sete filhos, chegou a Brasília em 1968, é feirante há 35 anos.

“Tinha poeira, mas era bom demais! [...] Aquilo era feira! Naquela época tinha feira por quê? Porque em todo canto não tinha verdura. Eu trabalhava com verdura [...] então tinha a feira domingo [...] era bagunçada, mas era feira! Depois construiu essa aqui, foi muito boa no começo, depois não teve ninguém para botar ela para frente!”

“[...] para mim representa tudo, que foi com ela que eu [...] criei meus filhos, nasceu e criou nela. Então para mim representa tudo [...] lutei mais meu marido, criamos meus filhos. E estou até hoje, foi onde eu adquiri minha casa, foi de feira mesmo, pode dizer que foi de feira.”

Guará

A Feira Permanente do Guará surgiu como feira livre na QE 05 do Guará I desde 1969, depois foi transferida para Área Especial 17 Guará II, e em 1984, foi transformada em Feira Permanente e transferida para Área Especial do Cave nº 01.

A feira tem 11.056,25 m² de área coberta, com mais de 500 feirantes com atividades de confecção, calçados, artesanato, açougue, armarinho, ferragens, aves abatidas, caldo de cana, brinquedos em geral, livros, perfumaria, hortifrutigranjeiros, lanchonetes, peixes e crustáceos, raízes e temperos, secos e molhados, sementes, salão de beleza, doces, queijos, vinhos e bijuterias.

A Feira dos Importados teve início por volta de 1997, quando tornou-se uma feira popular em área de domínio público do Distrito Federal, nas imediações do Estádio do Mané Garrincha, no Eixo Monumental de Brasília, o objetivo principal da feira, que ficou conhecida como Feira do Paraguai, era a venda de produtos eletro-eletrônicos.

O governo do Distrito Federal, segundo processo nº 071.000.127/1997 – CEASA/DF, buscava uma área para remover a conhecida Feira do Paraguai das imediações do Estádio Mané Garrincha, dentro do exercício de sua política de utilização adequada de áreas públicas. Em 17 de julho de 1997, efetivou-se a transferência dos feirantes para uma área de aproximadamente 70.000m² de propriedade da CEASA/DF, agregando-se a estes outros feirantes oriundos das feiras do CONIC, do Trabalhador e do Guará e, a partir de então a feira passou a denominar-se Feira dos Importados.

Atualmente a feira conta com 2.000 boxes e 96 quiosques, ocupados por 1.758 permissionários que comercializam produtos alimentares e não alimentares, nacionais e importados, com atendimento ao público no horário das 9h às 19h de terça a domingo no SIA/SUL – Trecho 07 lotes 05 a 180 – Setor de Comércio Especial.

FONTE: Adm. Regional Guará/Serviço de Adm. de Feiras e Centrais de Abastecimento do DF S/A – CEASA / DF

Estácio Batista dos Santos

Nasceu na cidade de Piancó, Paraíba, no dia 5 de maio de 1966, filho de Raimundo Batista dos Santos e Laurides Silva Lucena. Casado com Jaqueline Sidrão de Sousa, pai de uma filha, chegou a Brasília em 1981, é feirante há 15 anos.

“[...] começando a trabalhar como feirante na rua, ambulante, trabalhei vendendo calçado, sandália, rede, alho, e trabalhava no Setor Comercial Sul, 504 [...] nós tivemos muitos problemas, dificuldades, mas hoje eu sou micro empresário [...]. Na Feira dos Importados.”

“O que me trouxe a trabalhar na feira foi pelo fato de que nós trabalhávamos no Setor Comercial Sul [...] e o governo passado não deixou que nós continuássemos naquela área [...].”

Tiraram todo mundo [...] e arrumaram um local aqui na Feira dos Importados ao lado do CEASA [...] numa situação até precária quando nós chegamos [...], mas graças a Deus com o tempo nós fomos melhorando [...]. Hoje eu trabalho com material de pesca e camping, [...] também hoje graças a Deus eu tenho uma fábrica de material de pesca [...] quero dizer para você que uma pessoa que trabalhava na rua com rede nas costas, vendendo alho, sandália, hoje nós temos 10 empregos gerados. Para mim é uma grande satisfação [...] Na Feira dos Importados eu tenho uns seis empregados e tem mais quatro em Águas Claras, na área do Pró-DF.”

“Olha mudou muita coisa. A primeira coisa que eu quero dizer aqui em relação [...] somos microempresários, deixamos de trabalhar na informalidade, hoje nós estamos trabalhando na formalidade, hoje nós geramos empregos e pagamos impostos. Isso para nós, principalmente para minha pessoa [...] é uma coisa muito satisfatória, porque eu tenho respeito, eu tenho garantia, posso dizer que eu sou uma pessoa que contribui com o desempenho do Distrito Federal.”

“Com certeza, eu acredito que a Feira dos Importados, do Guará, da Ceilândia, hoje estão no conhecimento de todo brasiliense, e tanto que essas pessoas quando chegam no final de semana eles já tem um programa a fazer, ir para uma dessas feiras, com certeza isso faz parte do cotidiano do brasiliense [...] final de semana, feriado, nosso movimento é muito grande, nós chegamos de 25 a 30 mil pessoas no final de semana na Feira dos Importados[...].”

“Ser feirante para mim é [...] não é fácil, mas é uma questão de você [...] até por ter chegado em Brasília na época você não tinha outra opção, você partiu para o comércio, o ambulante como se podia falar na época, e daí você foi surgindo para trabalhar na feira. Então acho que [...] eu pela minha pessoa não posso reclamar, porque eu posso não ter muita coisa, mas o que tenho foi conseguido na feira, eu só tenho a agradecer por trabalhar na feira.”

José Alves da Costa

Nasceu na cidade de Ituiutaba, Minas Gerais, no dia 25 de junho de 1954, filho de José Domingos da Costa e Maria Tereza de Jesus. Casado com Dark Darlene Corrêa Costa, pai de quatro filhos, chegou a Brasília em 1963, é feirante há 20 anos.

“Ah, o que fez vir para a feira foi o seguinte, um cunhado já trabalhava na feira, autônomo, eu como estava desempregado e tive a oportunidade de ele me convidar para vir para a feira e eu vim e estou aqui até hoje [...] confecção feminina [...]. Porque mulher é consumista [...] mulher compra.”

“Olha, naquela época era muito difícil, porque você enfrentava chuva, sol e lama. Hoje não, o feirante está mais estabilizado, tem um ponto dele fixo, nós podemos deixar a mercadoria dentro do estabelecimento, temos telefone, energia, dizer hoje a vida do feirante é bem melhor do que antes [...] as vendas sempre foram boas, mas em épocas passadas eu acredito que eram melhores, porque a situação era melhor do país, em relação a que o país está hoje.”

“[...] Oh, nós tínhamos não, nós temos um sindicato, o Zé da Mata na época era o sindicalista nosso, então foi um camarada que lutou muito pela classe, ele lutou muito para fixar as nossas feiras, e lutou tanto que conseguiu.”

“Existe, fiscal, fiscalização sempre existiu, só que na feira não, porque hoje nós estamos totalmente legalizados, nós pagamos o simples candango, nós temos nota fiscal, temos tudo.”

“[...] a minha visão sobre as feiras de Brasília, que todas hoje são muito boas, são cobertas, têm infra-estrutura, banheiros, enfim, fiscalização dentro da feira, guardas dentro das feiras, então na minha visão das feiras de Brasília hoje são todas boas, em relação a épocas passadas [...] a feira do Guará sempre será uma feira modelo para Brasília, inclusive da feira do Guará tiraram muitas outras feiras particulares, copiando, então o Guará sempre será modelo [...] ser feirante, você tentar pelo menos manter uma família com nível melhor, manter os estudos dos filhos e ter assim um tempo para você cuidar mais da família [...] Gosto, eu gosto de ser feirante [...].”

Meiry Pires de Amorim

Nasceu na cidade de Boa Vista, Roraima, no dia 15 de agosto de 1953, filha de Antônio Accioly Amorim e Pierce Pires Amorim, mãe de quatro filhos, chegou a Brasília em 1967, é feirante há 37 anos.

“[...] desde quando eu vim para Brasília, sempre trabalhei em feira, eu gosto de trabalhar em feira, mas o que realmente me levou a trabalhar em feira primeiro foi a falta de estudo, que eu não tinha. E como eu não tinha estudo, tinha só até a 4ª série primária, não tinha como eu conseguir um emprego para mim que eu pudesse ganhar melhor um pouco, a não ser casa de família. E a necessidade, porquê eu queria crescer, eu queria é poder dar uma vida melhor para os meus filhos, eu queria fazer tudo para que eles não viesse passar necessidade, não viesse faltar o pão, o leite, o alimento dos meus filhos [...].”

“[...] na Feira do Paraguai eu sou uma das fundadoras, das pioneiras da feira. Desde o princípio da nossa feira, e se fosse necessário começar tudo novamente, eu começaria, porque a feira é a minha vida, eu amo feira, eu amo a nossa feira [...]. Eu gosto de comprar em feira, não só na nossa feira, mas em qualquer outra feira, porque às vezes muda um pouco de uma feira pra outra, mas o calor humano é maior, o amor é maior, a alegria dos feirantes é maior [...] do que quando você compra num shopping [...].”

“A Feira dos Importados no início nós trabalhávamos espalhados pela cidade e tinha muita fiscalização, muito rapa e aí nós resolvemos nos organizar e trabalhar num local só. Foi quando começou a Feira do Paraguai, que alguns chamavam Avenida Paraguai e outros Feira do Paraguai [...] nós fizemos toda uma explanação da nossa situação, que nós estávamos passando e o governador falou que poderia nos ajudar mas que teríamos que nos regularizarmos, buscarmos meio para nos regularizarmos e que nós escolhêssemos um outro local, aí nós escolhemos o Mané Garrincha e constituímos uma cooperativa também [...] para que nós pudéssemos comprar nossos produtos através da cooperativa que é a COTRAC (Cooperativa dos Trabalhadores em Comércio Ambulante do Distrito Federal) [...]. Nós teríamos mais facilidade nas compras e mais uma garantia de que a gente poderia trabalhar de uma forma tranqüila e segura.”

“Muitas dificuldades, porque eles queriam realmente acabar com a nossa feira e não estavam conseguindo. Nós entramos várias vezes com liminar para que a feira permanecesse, para que não fosse extinta e quando Cristovam viu que não conseguia acabar com a feira no

Mané Garrincha de forma alguma, foi quando ele foi obrigado a arrumar um local para a nossa feira. Ele arrumou no CEASA para nós, aquele local lá era a CEBRAZEM que usava e aquele terreno que nós usamos hoje era um verdadeiro piscinão. Mudamos para lá sem infra-estrutura nenhuma, no dia da retirada da nossa feira ele usou toda força policial para remover nossas barracas, parecia assim que ia ter uma guerra mesmo, tinha tanque, tinha aqueles cães, a cavalaria, tinha tudo, eles estavam fortemente armados, achando que a gente ia reagir [...] só que eles não sabiam que a nossa bandeira é a bandeira da paz, da luta, da vitória, então nós jamais íamos transformar o nosso local de trabalho num campo de batalha [...] aí nós mudamos para o CEASA, em 97, julho de 97 mudamos sem infra-estrutura nem [...].”

“[...] quando foi para mudar para o CEASA nós não queríamos, mas depois que mudamos e que nós conseguimos consolidar realmente a nossa feira e fazer todas essas benfeitorias, nós não queremos mais mudar do CEASA. Nós queremos continuar onde estamos, porque é pedra que muito rola não cria lodo, e o comerciante que muda de local a todo instante ele não cria uma clientela, ele não vai criar raízes e nós já temos nossas raízes, então nós temos que fazer o quê? É melhorar cada vez mais nossa feira, não só na infra-estrutura, mas no atendimento ao cliente, na qualidade dos nossos produtos, é isso que nós temos que fazer, trabalhar nesse sentido, nessa forma.”

“[...] que Deus assim continue nos abençoando, abençoando a nossa feira, cada camelô, cada ambulante, qualquer lugar que ele esteja, ou seja em Brasília, ou seja qualquer parte do Brasil ou do mundo, que abençoe porque realmente se eles estão ali na rua é porque ele precisa. É porque realmente ele está necessitando de ganhar aquele dinheirinho e muitas vezes ele vai de manhã cedo para a rua, não deixa nada na sua casa para os filhos comerem, mas vai na esperança de poder vender alguma coisa e trazer o pão para dentro de casa, que Deus continue abençoando cada um, porque todos são pessoas dignas, são pessoas sérias, pessoas trabalhadoras, pessoas guerreiras mesmo, que Deus abençoe assim de uma forma muito especial.”

Pedro Dantas de Carvalho

Nasceu na cidade de São Miguel, Rio Grande do Norte, no dia 16 de março de 1952, filho de Manoel Dantas de Carvalho e Josefa Cristina de Carvalho. Casado com Mara Margareth da Silva de Carvalho, pai de três filhos, chegou a Brasília em 1970, é feirante há 33 anos.

“Vim trabalhar na feira, que lá era muito difícil. A vida lá era muito difícil, e ele falou que a feira era muito boa, e naquela época realmente trabalhar na feira era muito difícil também, porque a gente saía vendendo nas portas. Não tinha feira fixa ainda, a gente trabalhava em uma cidade satélite ou, várias cidades satélites. Cada dia a gente trabalhava em uma feira. Às vezes a gente não tinha inscrição naquela época, os rapas corriam atrás da gente.”

“Eu fui o primeiro feirante a começar a invadir a feira do Guará, mesmo porque naquela época não existia feira, não tinha inscrição ainda [...]. Regularizada ainda não era. Fui o primeiro a chegar e trabalhar com confecção na feira do Guará [...]. Ah, muito bom! Até porque a feira do Guará mudou de um, dois, três, quatro, cinco. No lugar que ela está hoje, nós mudamos cinco vezes.”

"[...] A gente montava as bancas e subia em cima das bancas, ficava gritando. Cada feirante com intenção de atrair mais o cliente, a gente falava que estava tudo em promoção [...]. As coisas mudaram, assim, porque naquela época a gente trabalhava com uma mercadoria assim com pequenos defeitos. Uma mercadoria assim, mais popular, o público exigia uma mercadoria mais barata. Hoje não, por exemplo, a feira do Guará é uma feira que é uma das maiores feiras da América Latina. E as pessoas, o público visitante da feira do Guará, é o público mais de Brasília, eles exigiram que a gente [...] melhorasse a qualidade da mercadoria."

"Ser feirante é bom, é um pouco difícil [...] para você ser feirante tem que largar mão da família, nesse caso, porque meus filhos, eu tenho três filhos e eles me cobravam muito quando eles eram pequenos, porque o feirante, ele não pode sair dia de sábado, de domingo porque ele tem que ficar lá na feira. Então sempre final de semana meus filhos me cobravam porque eu não ia para parque, não ia fazer um churrasco, uma coisa assim, para um clube com eles. E assim eu levei minha vida até agora, então por isso que eu falo, é muito difícil, mas é muito gratificante, eu gosto muito de ser feirante."

"Sempre nos dias que eu não estou trabalhando na feira [...] eu tenho uma fazendinha, então eu vou para a fazenda, porque em vim do Nordeste, me criei na fazenda. Quando eu cheguei aqui, meu sonho era comprar uma casa para mim e um pedacinho de terra, porque era aquilo que eu gostava. Então eu vou para lá, nas férias eles vão comigo [...]. Só queria falar que eu tenho muito prazer de ser, tenho muito orgulho de ser feirante e estou muito feliz hoje aqui."

Therezinha Romão de Araújo Mavroides

Nasceu na cidade de Valparaíso, São Paulo, no dia 11 de fevereiro de 1941, filha de Antônio Romão de Araújo e Josefa Carvalho da Silva. Viúva de Basílio Jorge Mavroides, mãe de três filhos, chegou a Brasília em 1958, é feirante há 15 anos.

"Não tinha opção, eu tinha que ir para a feira porque não podia pagar aluguel de uma loja, e não tinha nada. Vendí uns cristais, umas pratas que eu tinha em casa e comprei a primeira mercadoria, que eram as roupinhas de recém nascidos [...]. Hoje variedades, eu tenho artigos de presentes, coisas pequenas, coisas para casa também [...] é que como eu sou micro, graças a Deus, está entrando na legalidade, você para viver legal, para não dever, para pagar seus impostos, eu pago tudo direitinho, você tem que todo dia vender, para você manter a firma em ordem [...] então eu tenho que ter variedade e coisas pequenas para todo dia eu movimentar."

"Eu estou desde o primeiro dia, eu cheguei lá foi [...] eram poucas pessoas que foi chegando. Eu sou de um grupo da do Guará, que eu era camelô no Guará, trabalhava na rua, trabalhei muitos anos [...] ambulantes [...] a gente reuniu, fizemos uma comissãozinha, um grupo, quando essa feira veio para cá, para o Mané Garrincha, fizeram um acordo de pegar todos os camelôs, não era para ficar ninguém na rua."

"[...] eu acho que a Feira dos Importados ela é uma feira que dá oportunidades. Hoje em dia está muito difícil para você vender, vender hoje em dia está uma coisa assim bem complicada, mas com carinho com os fregueses, com bate papo, com atenção especial, você consegue sobreviver da feira, enriquecer não, mas sobreviver, eu sou feliz, eu amo a feira."

“Era um baú, entregaram uma marca no chão com o número, e muita exigência, você tinha que ter nome limpo, não podia dever para o governo nada, nem para órgão nenhum, você tinha que ter nome limpo, não podia ser funcionário público, não podia isso, não podia aquilo, não podia outro, tinha que ser camelô ou ambulante [...] eles deram um quadrado com um número e que a gente retirasse a inscrição. Dar entrada no documento, saiu o CGC, a inscrição e a autorização para trabalhar [...] o primeiro ano foi um sofrimento, não se vendia nada, chorava, porque era um lugar, um mato, não tinha nada, os clientes não vinham para a feira [...]. Hoje ele cresceu em volta, não tinha nada ali, éramos nós e o CEASA, Banco do Brasil ali perto, mais nada. Com o tempo foi melhorando, o primeiro ano a gente não vendeu nada, ficamos muito tristes, muita gente desistiu, mas eu fiquei ali, persistente [...] eu falei ‘eu não vou sair, eu já sofri demais na vida’, tomei muita chuva, muita humilhação [...] eu falei ‘eu não saio’ [...]. ‘Deus me deu essa oportunidade, eu vou ficar até’, eu sou perseverante, sou teimosa, eu falei ‘vou ficar’ e todos que ficaram eu acho que razoavelmente [...]. Estão bem [...]”

“[...] não tem rapa [...] é Fiscal da Receita, vem para ver se está tudo legal e se tiver coisas que não servem, eles levam, tanto que todo mundo sabe.”

“[...] existe cliente que vem na feira simplesmente para comer milho cozido, que no shopping não tem, existe cliente que vem para bater um papo [...] conversar, Brasília as pessoas tem muita carência afetiva, assim de conversa, talvez as pessoas aqui tenham mais tempo, não sei, parece.”

Lago Norte

A Administração Regional do Lago Norte informou que não existe, na região, nenhuma feira livre ou permanente, existe apenas feiras itinerantes e uma “feira” de artesanato de moradores da região, a “Quituart”. Não pode ser caracterizada como uma feira livre ou permanente e sim como uma atividade que funciona apenas de quinta-feira a domingo, em área cedida pelo programa Pró-DF.

FONTE: Adm. Regional do Lago Norte/Serviço de Licenciamento de Obras e Atividades Econômicas.

Lago Sul

A Administração Regional do Lago Sul informou que não existe feira livre ou permanente na região. As feiras que acontecem atualmente nesta RA são : BsB MIX, Feira do Sol e da Lua, Feira de Artesanato do Deck Brasil, Feira de Antiguidade, todas da iniciativa privada.

FONTE: Administração Regional do Lago Sul/SLOAE.

Núcleo Bandeirante

A Feira Permanente do Núcleo Bandeirante é uma das mais antigas e tradicionais do Distrito Federal. Com 123 boxes, a feira percorreu um árduo caminho. Inaugurada oficialmente em 6 de dezembro de 1975, no governo do Sr. Elmo Serejo Farias e na administração do Sr. João Duarte Moreira.

Hoje um número reduzido de pessoas passam pela feira nos dias de semana. Aos sábados e domingos, aumenta a procura. A diversidade de produtos oferecidos atrai visitantes de todas as regiões do país, residentes no Distrito Federal.

Os produtos oferecidos são queijos, doces, frios, açougue, aves, ervas medicinais, artesanato, artigos místicos, entre outros e os famosos restaurantes de comidas nordestinas. A feira fica na 3ª Avenida, Praça Padre Roque, Projeção 02. Funciona todos os dias, das 8h às 19h.

FONTE: Administração Regional do Núcleo Bandeirante/Divisão Regional de Serviços Públicos

Jandira de Lourdes Andrade

Nasceu na cidade de Presidente Olegário, Minas Gerais, no dia 14 de fevereiro de 1948, filha de José de Deus Godinho e Raimunda da Silva Godinho. Viúva de João Gonçalves de Andrade, mãe de quatro filhos, chegou a Brasília em 1964, é feirante há 33 anos.

“Então meus filhos eu trazia, deixava dormir debaixo da banca, que tinha o carrinho, colocava ele, eu jogava uma lonazinha, deitava, ficava ali o tempo inteiro, ali mesmo eu dava comida, então quando dava eu corria lá em casa dava um banho.”

“Era maravilhosa, tinha muito movimento, eu acho que se eu não me engano, ainda continua uma das mais assim [...] mais procurada, que foi a primeira de Brasília, acho que você já percebeu que foi.”

“É isso aí, quando fala aqui sempre aparece pessoas antigas, amigo, freguês antigo, a gente fala, vem pelo menos para a gente conversar, bater um papinho, e às vezes eles vêm não para comprar, mas vem para papear com a gente, ainda acontece.”

“Para mim, eu graças a Deus tenho todo orgulho de ser feirante, eu tinha uma prima que tinha vergonha, eu falo para todo mundo, sou feirante com muito orgulho, ela fala que é comerciante, eu não, sou feirante com toda honra, nos meus documentos tudo eu coloco.”

João Gomes de Anchieta

Nasceu na cidade de Independência, Ceará, no dia 11 de julho de 1955, filho de Luiz Gomes Anchieta e Francisca Sales Anchieta. Casado com Maria Jeane C. de Anchieta, pai de quatro filhos, chegou a Brasília em 1967, é feirante há 28 anos.

“Eu acho representa muita coisa pelo seguinte: tem muitos fregueses que ‘eu vim foi para lhe ver’ então quer dizer, por causa da amizade daquela época, nunca esquece da gente, então tem muita amizade.”

“Sim, naquela época era bom demais, na época do cruzeiro, puxa, eu pegava oito mil quilos de melancia, quinta-feira, quando dava no domingo meio-dia eu não tinha mais nada, eu pegava seis mil coco, vendia tudo, e hoje em dia não [...] eu pego quinhentos não posso [...] de jeito nenhum, não vende mais do jeito que era antes, depois que entrou esse real pronto, acabou, ficou difícil para todo mundo.”

“[...] que eu lembro que o Fernando Henrique falou na televisão, que ia tirar um pouco do dinheiro, do real da circulação que era para o brasileiro economizar mais, que a nação brasileira economizar mais, aí pronto, desandou que ninguém vê esse real, que ele é igual a pé de cobra. Já viu cobra ter pé?”

José Coelho Neto

Nasceu na cidade de Boa Viagem, Ceará, no dia 12 de julho de 1939, filho de Pedro Coelho de Sousa e Andrelina Lemos Coelho Sousa. Casado com Terezinha de Sousa Coelho, pai de 19 filhos, 10 estão vivos, chegou a Brasília em 1970, é feirante há 30 anos.

“Não, porque na época aqui Núcleo Bandeirante tinha muita gente, muita população, tinha Vila Esperança, Vila Tenório, isso aqui era gente, era lotado de gente, isso aqui tudo era barraco.”

“A maior cidade satélite é Ceilândia hoje. Esse pessoal foi todo, indo daqui do Bandeirante pra lá, que hoje esse dito pessoal faz falta aqui no comércio, porque a população é pouca para comprar a gente aqui.”

“Só existia aqui no Bandeirante, a melhor feira do Bandeirante, de Brasília, melhor, era aqui, ninguém falava na feira do Guará, hoje a do Guará está batendo em nós aqui de 100 à 0, porque a população aqui muito pequena e tem muito sacolão.”

“Boa mesmo, eu posso dizer para você, o tempo que essa feira existia, porque hoje o bom mesmo que nós podemos falar e assim um comércio bom, bastante cliente. Hoje é o que nós não temos, que me lembro para trás que justamente me faz falta, são as vendas que caíram e o pessoal que não está enchendo mais a feira, que nós precisávamos. Antigamente isso aqui fechava de gente, você estava atendendo um cliente, chegava 10 (dez). Hoje um cliente é uma espera, demora a chegar algum.”

“Vinham comprar aqui, achava o preço bom, pessoal de Taguatinga, cansei de vender o pessoal de Taguatinga, você mora onde? Moro em Taguatinga, ‘não é que eu venho que eu gosto muito da feira do Núcleo Bandeirante’, e aí eu queria que um desejo meu, um dia voltasse esse pessoal a vir comprar dentro do Núcleo Bandeirante que aqui ainda tem muita coisa boa, tem galinha caipira, tem carne de cabrito, carne de [...]”

Maria Sabino de Sousa

Nasceu na cidade de Piancó, Paraíba, no dia 26 de janeiro de 1926, filha de Sabino Cruz da Silva e Antônia Luiza da Conceição. Viúva de Francisco Cirino de Sousa, mãe de seis filhos, chegou a Brasília em 1966, é feirante há 35 anos.

“O começo foi bom, e logo foi assim também, tiraram aqui esse pessoal também, que esse Bandeirante era muito cheio de gente, tiraram e fizeram aquela Candangolândia.”

“Eu criei meus filhos aqui, graças a Deus fiz minha casa com o dinheiro daqui, que eu não tinha nada, era pulando assim, eu não sei nem como, ‘você gastou quantas sandálias? Num sei’, era comprando fiado [...]”

“Gosto e é pertinho da minha casa também, como se diz, é uma vida que está acostumado em feira, de trabalhar, a gente não sabe estar parada em casa, nem na casa do vizinho.”

“Muita dificuldade mas era uma família, quando se juntava os feirantes em uma mesa assim para ir lancher, você vê era daqui assim lá, todo mundo satisfeito, dividindo um com outro.”

Zilda Pereira da Silva

Nasceu na cidade de Uberlândia, Minas Gerais, no dia 13 de maio de 1943, filha de Antônio Pereira da Silva e Antonina Pereira Siqueira. Separada, mãe de sete filhos, chegou a Brasília em 1959, é feirante há 25 anos.

“Ah minha filha, o movimento era muito grande, chegava nordestino demais, de todas as partes, gente de todas as partes procurando, era uma loucura [...] aí começou misturar baiano, mineiro e virou aquilo tudo, maranhense, tudo, todos os lados. Era uma procura, e sempre toda vida a Cidade Livre era ponto de comida típica [...] isso aqui era barraco de ponta à ponta, na 5ª Avenida, que hoje é Avenida Contorno [...] na empoeirada, naquele mercado que queimou [...] o Diamantina [...] pegou fogo [...] tudo em volta era só barraca, barraca, tinha umas barraquinhas de roda, que fazia aquelas barraquinhas e tinha roda de madeira, então hoje você estava aqui, se você não gostava daqui, passava para outro lado [...]. É igual você chegar hoje no Nordeste, aquelas feiras, aquele movimento terrível, era do mesmo jeito aqui [...] Nossa Senhora, era muita música Nordestina, demais da conta, eu não sei porque acabou minha filha [...]. Hoje aqui a tradição da gente é mocotó, cabrito, buchada, sarapatel, galinha caipira, costelinha de porco, carne de sol, essas comidas [...]. Essa feira mesmo aqui, hoje coitada, ela se encontra uma feira falida [...] hoje era pra ser a melhor feira dentro do Distrito Federal, é a pior que está sendo hoje para nós.”

“Caiu muito o movimento, eu não sei calar, eu falo a verdade, eu não sei explicar, a verdade eu não sei nem porquê ela se acabou desse jeito [...]. Era muito movimentada. Você sabe até quando teve muito movimento na feira? [...]. Desde o Sarney, até no tempo de Sarney isso aqui era loucura.”

“Olha minha filha, a feira para mim eu te falo a verdade, representa uma família, um lar para mim, eu posso estar com o maior problema do mundo, quando chego aqui começo a trabalhar, me sinto realizada.”

Paranoá

O Paranoá possui duas feiras, a Q. 02 inaugurada em 1990 com nove boxes e a Q. 26 inaugurada em 1998 com 199 bancas. Em outubro de 1998, a Administração Regional, transferiu a Feira Permanente da Quadra 02 para a Quadra 26, esta área ocupada está designada no planejamento urbano da cidade para a construção de uma Igreja, assim, configura-se como Feira Provisória com um grande número de feirantes para uma área muito restrita, onde não existe estacionamento nem estrutura para uma grande feira, porém, com uma localização privilegiada do ponto de vista comercial. Já na Quadra 02, onde é encontrada uma situação totalmente oposta, existe um espaço muito bom com estacionamento e com toda uma infra-estrutura adequada, mas como comércio local fica aberto nos finais de semana e esta feira fica localizada em uma ponta da cidade, só estão em funcionamento algumas lanchonetes persistentes.

FONTE: Administração Regional do Paranoá/Divisão Regional de Serviços Públicos.

Alda de Lima Farrapo

Nasceu na cidade de Tianguá, Ceará, no dia 03 de agosto de 1953, filha de Antônio Pedro de Lima e Ariolina Martins de Lima. Casada com Florentino Daniel Farrapo, mãe de um filho, chegou a Brasília em 1976, é feirante há 22 anos.

“Eram de lona [...] quando eu comecei lá no Paranoá velho, além de ser assim de péssima qualidade, era muita chuva, muita água, só era carregar as coisas, subindo nas bancas, carregava até as bancas. Era banca de pau coberta de lona, ficava difícil para trabalhar [...]. Aqui já começou melhor, que quando nós subimos para cá a gente já veio com o projeto, não trazia banca de pau nem nada [...] tinha que subir aqui direitinho, que nós estávamos na feira grande lá embaixo. Nós tratamos de melhorar um pouco [...].”

“Eu acho que cresce muito, assim no caso dessa feira aqui, assim antes de eu vir pra cá, esses comércios daqui assim ele não tinha quase nada, que o Paranoá funcionava lá embaixo, depois que a gente veio pra cá houve uma evolução muito grande desses comércios daqui [...].”

“[...] Que é muito cansativo, ser feirante não é fácil, principalmente no meu caso, tem dia que eu chego aqui 6 da manhã e saio 8 da noite, isso contando o dia que eu não vou pra CEASA, para CEASA saio às 3 horas da manhã e saio daqui 8 da noite [...]. Para falar a verdade eu adoro ser feirante, gosto mesmo de verdade [...].”

Luiz Napoleão Bezerra

Nasceu na cidade de Novo Oriente, Ceará, no dia 01 de novembro de 1928, filho de Luiz Bezerra de Menezes Lima e Ana de Sena Bonfim. Casado com Adelaide Gonçalves Bonfim, pai de oito filhos, chegou a Brasília em 1983, é feirante há 12 anos.

“Porque é mais fácil. O feirante está isento de certos impostos, é coisa mais simples [...] todo tipo de frutas e verduras também [...]. Acho que é porque fazia parte da minha vida cultural, toda vida trabalhei na roça que é quase a mesma coisa [...]. É produção agrícola, e a fruta e a verdura faz parte da agricultura.”

“[...] as de antes eram melhores, assim, porque depois que todo mercado montou sacolão, derrubou muito feirante de verdura nas feiras [...] porque o mercado tem condições de vender mais barato, não precisam nem de lucro [...]. Precisa é de fregueses, é que compra em grandes quantidades e precisa de fregueses para vender as outras mercadorias que eles ganham dinheiro, e não na verdura.”

“Participo e sou a favor de uma feira permanente. No local ou em outro local, mas no local é quase impossível, não é apropriado para uma feira [...] o espaço é pequeno [...] não tem estacionamento, que uma coisa sem estacionamento pra quem vem de carro, não pode.”

“A importância da feira para a cidade, é porque a feira é feira como se diz, é uma coisa livre, a pessoa chega na feira, corre e anda, escolhe, não é como no mercado, que é uma coisa mais fechada e a feira não, é livre [...] e gostam da feira [...] almoçar na feira, lanchonete, tomar uma cervejinha.”

Planaltina

A Feira de Hortifrutigranjeiros situa-se no Setor Administrativo da Feira de Planaltina com 405 boxes e cobertura em alvenaria. Funciona de terça a domingo de 8h às 18h. Comercializa hortifrutigranjeiros, carnes, peixes, farináceos e lanches.

A Feira de Confecções Antônio Marins Pereira situa-se na Via NS-1, Bloco Administrativo da Feira de Confecções com 398 boxes com cobertura em estrutura metálica. Funciona de terça a domingo de 8h às 18h. Comercializa confecções, calçados, acessórios e lanches.

A Feira de Utilidades e Artesanato situa-se na Via NS-1, Bloco Administrativo da Feira de Confecções com 199 boxes, sem cobertura. Funciona de terça a domingo de 8h às 18h. Comercializa utilidades, brinquedos, artesanatos, importados e lanches.

A Feira do Produtor Atacadista situa-se na Via NS-1, Bloco Administrativo da Feira de Confecções com 248 boxes sem cobertura. Funciona às terças e sextas de 13h às 17h. Comercializa hortifrutigranjeiros no atacado, produção da região de Planaltina e Entorno. Ambas foram inauguradas em 1982 pelos pioneiros e legalizadas em 1986 pelo Estatuto Social.

FONTE: Administração Regional de Planaltina / Associação dos Feirantes de Planaltina – DF.

Dolores Maria de Souza

Nasceu na cidade de Pesqueira, Pernambuco, no dia 10 de fevereiro de 1958, filha de Julieta Maria da Conceição. Casada com Geraldo Severino de Souza, mãe de três filhos, chegou a Brasília em 1968, é feirante há 23 anos.

“[...] é porque eu era muito esperta, aí comecei a ajudar os outros, trabalhei na feira de Sobradinho ajudando meus tios, depois casei, comprei a chácara, aí nós começamos a produzir, nisso eu consegui a banca na feira, comecei minha atividade por conta própria [...] todos tipos de verduras [...] 23 anos [...] nesta feira [...]”

“A feira de Planaltina ela surgiu primeiro na terra, com lonas, as banquinhas de madeira, aí a gente trazia duas, três, quatro caixinhas, aí colocava em cima das banquinhas, armava começava a vender, era só na poeira [...] mudou, foi ótimo, dessa aqui nós fomos para o Fórum que aí foi quando conseguiram mudar para feira fixa [...] ficamos lá pouco tempo, enquanto construía a feira não sei se foi em 81, 82, inauguraram a feira, de lá do Fórum nós voltamos para debaixo do prédio.”

“Nossa! Era maravilhoso, era aquela correria, agitação, era bom demais àquela época [...] vendia. Vendia porque só era aos domingos, tinha poucos sacolões, mais era umas frutarias pequenininhas, agora não, agora com mercados, sacolões, diminuiu.”

“Existe desde o começo da feira que tem associação [...] agora mesmo a feira evoluiu muito, ela ficou bonita através da associação, muita luta da associação [...]”

“Ah, o dia-a-dia para mim do feirante eu gosto, adoro vir trabalhar, vejo, acordo vendo a hora de vir trabalhar na feira, e foi ótimo, casei, continuei trabalhando na feira, criei meus filhos na feira, hoje em dia o meu mais velho tem 24 anos, foi criado com a renda da feira.”

Elemar Schegiber

Nasceu na cidade de Ijuí, Rio Grande do Sul, no dia 4 de dezembro de 1947, filho de Osvaldo Schegiber e Olga Schegiber. Casado com Matilde Schegiber, pai de quatro filhos, chegou a Brasília em 1979, é feirante há 18 anos.

"[...] Eu compro e vendo, hoje eu tenho chácara, mas sou hoje o intermediário [...]. Produz é de tudo. E planto, meus filhos são empregados, eles plantam, eles trazem [...]. Fruta, verdura, tudo [...] porque eu achei que há um retorno rápido, tu compra hoje, amanhã você está com o lucro de volta."

"Surgiu porque eu saí da lavoura, carregado com a camioneta nova do patrão meu. Eu plantava de meeiro horta não é, e eu vim com a camioneta carregada botei lá atrás, vender milho verde, os meninos queriam trazer, que eu levava os tomates, as verduras tudo para CEASA tudo! Os meninos queriam vender, trouxeram duas banquinhas, botaram outro domingo junto de tomate, cenoura, tudo que é coisa, que tinha lá, e venderam bem. No outro domingo quando nós viemos já tinha cinco bancas lá [...]. São os meus filhos, os meus empregados, que era menino, tudo do tamanho deles. Eu dava para eles vender e eles repartiam [...]."

"É uma feira que hoje ela é representada por uma das melhores feiras de hortigranjeiro do Brasil, é a nossa! Todo onde vem, pessoal que vem é muito que vem, vem em mim que eu estou na frente, vem e me pergunta, eles não viram uma coisa assim ainda, tanto na minha terra, quanto no nordeste, tem feiras mais bagunçada [...]. Agora essa está, tudo em linha, tudo por setor. Tem o setor da fruta, de galinha, do açougue, da farinha, tem o setor do queijo, tem o setor das lanchonetes, não é? Tem o setor das frutas [...]."

"Hoje é uma grande coisa, é muito falado pelo povo, tem muita gente que desce, se eu não venho no domingo na feira ou na semana eu fico doente, eu tenho que vir [...]. Ao menos passar, nem que eu não tenha dinheiro para comprar, mais ou menos conversar, vem que eu sou conhecido do povo [...] gostam e eu gosto de brincar muito com o pessoal, aonde você puxa freguesia."

Recanto das Emas

A Feira Permanente da Quadra 305/111 foi inaugurada no dia 3 de novembro de 1993 na Quadra 109, tendo 130 barracas de madeira, distribuída entre: lanchonetes, açougues, temperos, calçados, confecções, doces e queijos, frutas e verduras, aves vivas e peixarias. Ficou instalada neste local sete meses foi removida posteriormente para a Quadra 113, onde permaneceu por mais três anos. Após esse período a feira se fixou no Subcentro Urbano, onde está até hoje como Feira Permanente. Possui 286 boxes numa área aproximada de 10.000m².

A Feira Permanente da Quadra 206/300 teve início na Quadra 101 em 1^o de janeiro de 1995, ficou por um ano e dois meses e foi removida para a Quadra 103. Oito meses depois foi transferida para a Quadra 103/104 por mais um ano e seis meses e finalmente fixada na Quadra 206/300, onde está até hoje como Feira Permanente. Possui 215 boxes, numa área aproximada de 9.892m².

FONTE: Administração Regional do Recanto das Emas/Divisão Regional de Permissão e Concessões Públicas.

Maria Inês Felix dos Santos

Nasceu na cidade de São Francisco do Piauí, Piauí, no dia 21 de abril de 1954, filha de Raimundo Nonato dos Santos e Ana Silvério dos Santos. Casada com Nonato Joaquim dos Anjos, mãe de seis filhos, chegou a Brasília em 1987, é feirante há 10 anos.

“[...] quando comecei arrumar a banquinha mesmo, botava pipoca, salgadinho, fui botando churrasquinho, um tanto de coisinha, aí até que eu consegui arrumar a minha banquinha [...]. Olha, lá eu vendo o churrasquinho, comida, sarapatel, mocotó, caldo de peixe, galinha caipira, carne de porco [...] porque banca de lanche ela sempre tem que ter comida, porque eles procuram comida viu? [...]. É melhor para a gente, mexer com lanche, porque a roupa, eles não compram muito [...]”

“Olha, agora sim, ali quando era essa feira nossa ali, era uma feira muito [...] mais organizada, era um povo mais unido e todo mundo ia para as feiras lá, dia de sábado e domingo. Agora mudou para ali, começou essa roubalheira, aí o povo ficou com medo, está com medo de ir, a metade das bancas tudo abandonada [...]. Primeiro era aqui na 104 [...] aí da 104 foi para as 300, que é essa que eu estou agora.”

“A feira é muito importante, que a gente quer comprar uma fruta, quer comprar uma coisa [...] uma galinha caipira, que hoje lá tudo tem, tem galinha caipira, tem banca de verdura, [...] peixe, carne [...]”

“Gosto, a minha feirinha ali eu adoro ela. Eu estou pedindo a Deus que o povo já começa fazer movimento ali para dar mais gente, que eles dizem que vão fazer, administração, vão fazer um banco [...] um bocado de coisa, sei que já está passando uma pista [...]. Já vem uma pista do Gama aqui para Samambaia, passar bem de frente do fundo da feira da gente [...] já dá movimento para a gente [...]”

Maria Luíza do Nascimento Cordeiro

Nasceu na cidade de Nazaré da Mata, Pernambuco, no dia 13 de março de 1954, filha de José Barros de Lima e Maria de Almeida do Nascimento. Divorciada, mãe de três filhos, chegou em Brasília em 1986, é feirante há 10 anos.

“Hoje eu vendo do almoço ao lanche e a bebida quente, vodka, campari, uísque eu vendo [...] Alimentação, eu vendo almoço, cerveja, refrigerante, salgado, que eu mesma faço.”

“[...] a gente começou aqui onde é o Posto na 102, da 102 botaram a gente lá para baixo perto da Administração que é na 103, aí a gente ficou mais ou menos um ano, depois jogaram a gente lá para 104, aonde está Castelo Forte hoje, onde é Castelo Forte de frente ao Via Box, jogaram nós pra lá, de repente tiraram nós de lá e botou lá dentro dos matos que é onde nós ficamos agora, nós estamos agora.”

“Eu me sinto bem porque chega um, brinca, chega [...] ah, aquela feira é uma diversão para mim, porque eu não saio para lugar nenhum, meu lugar é só trabalhar, e sábado e domingo eu vou pra lá. Então lá tem música ao vivo dia de domingo, a gente se diverte lá brincando, chega um freguês, começa a conversar com a gente, aí daqui a pouco já está amigo da gente, aí pronto, é assim que nós sobrevivemos lá naquela feira.”

“Mudou porque agora nós pegamos e levamos as coisas, deixam lá mesmo, nós temos o fogão, a geladeira, a porta fica fechadinha, os meninos não estão mais mexendo, antes eles mexeram muito, mas agora não estão mexendo mais com a gente [...] melhorou bastante, que pelo menos a água nós temos, pagamos mas temos cada qual seu relógio de água.”

Riacho Fundo

A Feira Livre do Riacho Fundo iniciou com um pedido da Associação dos Feirantes, tendo como presidente a senhora Antônia Edileuza de Lima, que fez o pedido ao Administrador do Núcleo Bandeirante Dr. Vivaldo Martins Alves Filho, que autorizou o funcionamento da Feira Livre na Praça Tipo A entre as Quadras 04/14 a partir de 12 de julho de 1991 e funcionou até 20 de novembro de 1994, foi transferida para AC 03 lote 02. Logo depois foram construídos galpões para Feira Livre pelo primeiro Administrador do Riacho Dr. Rubens Alves Gomes, que também criou uma comissão para criar critérios de pontuação para a transferência de 121 feirantes para os galpões da Feira Livre.

Em 1997, passou de Feira Livre para Feira Permanente, conforme Lei nº 1376 de 17 de janeiro de 1997 de autoria do deputado Benício Tavares, no ano seguinte o administrador autorizou a organização, funcionamento e ocupação dos espaços, por Ordem de Serviço nº 112 de 05 de outubro de 1999 e publicado no DODF de 08 de outubro de 1999. Funciona de sexta a domingo de 8h às 18h. Comercializa hortifrutigranjeiros, cereais, artesanatos, aves e animais vivos de pequeno porte, pescados e crustáceos, doces e laticínios, lanches, mercearia, açougues, confecções, flores e plantas, armarinhos em geral, calçados, bijuterias, ferramentas, jornais.

FONTE: Administração Regional do Riacho Fundo/Divisão de Serviços Públicos.

Riacho Fundo II

Por ser uma Administração Regional recente possui duas feiras, uma na QC 03 que anteriormente funcionava na QC 04 e foi transferida, a área foi destinada à construção de uma Escola Pública e a outra da QN 10, foram inauguradas respectivamente em 1998 e em 2001 e possuem 270 e 287 feirantes. Ambas funcionam por Ordem de Serviço nº 03 de 16 de setembro de 2003, publicada no DODF de 17 de setembro de 2003.

FONTE: Administração Regional Riacho Fundo II/Gerência de Equipamentos Públicos.

Maria Célia Ferreira Barros

Nasceu na cidade de Alto Santo, Ceará, no dia 24 de junho de 1969, filha de Raimundo Severiano e Cristina Ferreira de Freitas. Casada com Osvaldo Mendes de Souza Barros, sem filhos, chegou a Brasília em 1972, é feirante há 20 anos.

“O início da feira do Riacho Fundo II era bem esquisito, era tumultuado, pessoas armam suas bancas, desmontam, levam de novo para casa [...] ainda hoje a gente não tem box porque está organizando a feira.”

“Eu acho que tem um acesso melhor para o público, quem não tem condições financeiras, não tem condições de ir a um shopping [...] então vai a feira, procura que é um lugar barato.”

“A minha visão das feiras de Brasília, eu acho que teria que melhorar mais [...] eu acho que uma feira bem equipada, bem montada, bem organizada, atrai até pessoas de fora para olhar.”

“Dia do feirante é corrido viu? Bem estressante [...] levanta cedo demais, tem que passar o dia todinho na feira, às vezes a gente nem come, é cansativo! [...]. Eu gosto porque mexo com artesanato e eu sou apaixonada.”

Maria das Graças Pereira Resende

Nasceu na cidade de Santa Luzia, Maranhão, no dia 31 de outubro de 1952, filha de Moacir Lopes de Araújo e Raimunda Pereira Resende. Casada com Pedro Farias Brito, mãe de quatro filhos, chegou a Brasília em 1962, é feirante há 20 anos.

“Eu acho que agora está uma maravilha, porque às vezes tem gente assim ainda que reclama, porque antes, quando era para a gente levar a barraca para casa, parece que vendia mais, agora como está tudo arrumadinho parece que a gente não vende.”

“[...] Porque eu preservo muito isso, eu procuro sempre andar dentro da lei, e as galinhas que eu trago sempre tenho certeza que são vacinadas, nunca teve problema. Eu abato na hora, a pessoa chega lá e escolhe, ‘eu quero aquela’, eu abato na hora exatamente por isso, foi muito difícil quando eu começava, porque eu abatia em casa e trazia no isopor, então tinha gente que dizia, ‘não vou comprar porque às vezes é doente’, eu ficava meio brava [...]. Foi aonde surgiu, então vamos passar, aí o fiscal veio e falou ‘não, você pode fazer um galinheiro e traga ela viva para abater na hora’. Hoje eu tenho uma máquina que depena, uma que coloca o pescoço, você corta. Tenho tudo limpinho [...]”

“[...] porque desde que eu me entendo por gente, você vai nas cidades, todas tem uma feira livre [...] qualquer cidade que você vai no interior tem uma feira, eu acho que faz parte da vida das pessoas .”

“Inclusive eu faço parte dela, eu procuro correr atrás, com a administração, para procurar o melhor para os feirantes, é difícil porque não depende só da associação, não depende só da administração, depende de várias pessoas, mas estamos chegando lá [...]”

Maria Soares Campelo

Nasceu na cidade de Crateús, Ceará, no dia 21 de abril de 1936, filha de Raimundo Soares Albuquerque e Adalgiza Araújo Chaves. Casada com Francisco Rodrigues Campelo, mãe de cinco filhos, chegou a Brasília em 1968, é feirante há 12 anos.

“Porque a gente trabalhava em casa. Em casa já não estava dando bem, fui para a feira. Quem criou a feira do Riacho fomos nós, minha filha. Nós que criamos, até hoje eu sou a pioneira de lá, porque não tenho uma falta. Nós que começamos dos ferros no chão, lona, tudo, então para mim era melhor [...]. É brinquedo [...] é batom, tudo, é um bazar [...] já mexi com brinquedo [...] só que aquilo eu não gosto, porque é uma coisa que faz muito volume, que põe pilha, essas coisas não é comigo. Eu gosto de coisa mais fácil, cosmético que é mais, a dos importados. Essa outra lá é mais bagunçada.”

“[...] porque naquele tempo, minha filha, estava todo mundo interessado de tirar uma banca ali, depois tiraram foram vendendo, foram vendendo e a feira foi acabando, e foi acabando, e está aí no que está.”

“Mas o pessoal gosta minha filha, o pessoal quanto mais rico gosta de comer em feira, gosta de andar em feira, acho que o shopping melhor que eles acham é feira. Nossa feira já foi muito boa minha filha.”

“Bom demais ir a feira! A melhor coisa da minha vida é ser feirante [...]. Só folgo segunda-feira, e hoje porque eu tinha entrevista com você [...].”

Samambaia

Em outubro de 1993, na Administração do Sr. Itamar Barreto, o governador Joaquim Roriz inaugurou a Feira Permanente de Samambaia na Quadra 202, Área Especial na época com 364 feirantes, atualmente com 342 boxes, com diversas atividades e características de mercado popular. O seu horário de atendimento é de terça-feira a domingo. As segundas é livre para a limpeza do pavilhão.

Além da Feira Permanente, ainda há na cidade as Feiras Livres, existentes desde 1987, que funcionam no sistema de montar e desmontar, nas QN 313, 510, 210, funciona aos sábados e domingos, das 8h às 14h. Essas feiras oferecem uma variedade de produtos: lanches, frutas e verduras, ferragens, confecções, secos e molhados, açougues.

FONTE: Administração Regional de Samambaia.

Luzimar Rodrigues Santos Rocha

Nasceu na cidade de Barra do Corda, Maranhão, no dia 27 de dezembro de 1950, filha de José Camelo Martins dos Santos e Arcanjo Rodrigues dos Santos. Casada com João da Graça Garcez Rocha, mãe de três filhos, chegou a Brasília em 1963, é feirante há 23 anos.

“Era lona (incomp) sabe? Aquelas (incomp) a gente armava todo dia e tirava, todo dia tem que levar para casa, aí a gente começou já carrega, nós mesmos não tínhamos nem condução, carregava naqueles carrinhos de geladeira, sabe como é?”

“Ah, o movimento aqui é muito fraco, só vem mesmo porque a gente mexe [...] nesse ano porque meu esposo trabalhava, deixou de trabalhar para ficar comigo, porque necessito de uma pessoa, principalmente homem, porque aqui é muito perigoso, chega gente que não quer pagar, dá muito trabalho.”

“Pois é, aqui tem muitas coisas a fazer, um lazer que nunca fizeram, fazer palanque, eles só prometem fazer. Trazer eventos que nunca vem, eventos, era para ter agora. Uma divulgação melhor, não tem divulgação nenhuma nessa feira.”

“Decaiu, dessa época aí. A gente quase não vendia, eu nem mexia com comidas, depois aí veio, procurava assim almoço, aí comecei fazer.”

“[...] sempre os meus fregueses fala ‘é muito longe essa feira, a gente só vem aqui porque gosto do caldo de vocês, do seu caldo, gosto da sua comida e gosto de vim aqui (incomp) ser bem atendida, cê atende bem’.”

“Ser feirante é um sacrifício que a gente faz porque não tem outra opção de trabalho, essa minha filha mesmo, ela vem na marra, ela mesmo falou ‘eu só venho esse ano!’.”

“Isso aqui a gente nem para repor, não dá nem a prestação da casa, não dá para pagar, agora mesmo eu estou atrasada [...].”

Maria Rocha Torres Carvalho

Nasceu na cidade de São Domingos, Maranhão, no dia 4 de agosto de 1936, filha de Quintino Cardoso da Silva e Carolina Rocha Torres. Casada com Simeão Torres Carvalho, mãe de nove filhos, cinco adotados, chegou a Brasília em 1981, é feirante há 12 anos.

“Quando eu cheguei lá eu perguntei assim: ‘gente o quê que vão fazer aqui? Tão fazendo esse limpo tão grande? Isso é uma feira?’ Eu digo e aí! ‘Eu posso trabalhar na feira?’ Ele disse ‘pode!’ A senhora dá o nome, tudo. Quando eu fui na mesma hora, chamei o dono que estava lá arrumando tudo, eu perguntei para ele quais eram as vagas que tinham ainda, porque já tinha muita gente. Ele disse assim: ‘Tem vaga pra cereais e pra calçado, se a senhora quiser de calçado ou de cereais’, eu digo ‘quero de cereais que é mais fácil pra mim’.”

“Foi um sofrer, um sofrimento, não vinha ninguém aqui. Nós ficávamos o tempo todo aqui e se visse a prateleira era tudo cheia! A maioria jogava fora porque vencia.”

“Deveria ter uma divulgação porque as pessoas, tem gente que chega aqui e diz assim : ‘Ah! Dona Maria, se trabalha aqui, eu nunca vim aqui nessa feira, é a primeira vez que eu tô vindo’. Aí eu disse, ‘seja bem vindo!’.”

“Todo mundo trabalha, porque se a gente unido jamais será vencido, se todo mundo trabalhar, se todo mundo gostasse de trabalhar como eu gosto, a feira tinha gente todo dia. É uma dificuldade. É um sofrimento, mas é um sofrimento gostoso que se está trabalhando, vendo fruto do seu trabalho.”

“A feira representa para mim é um local de trabalho, de eu ganhar meu pão de cada dia, para mim não andar mendigando na rua.”

Sebastião José de Melo

Nasceu na cidade de Pocana, Minas Gerais, no dia 21 de fevereiro de 1957, filho de Raimundo José de Melo e Iraci dos Santos de Melo. Casado com Vera Lúcia Braz de Queiroz Melo, pai de dois filhos, chegou a Brasília em 1973, é feirante há 12 anos.

“Aí o administrador de Taguatinga que cedía as nossas autorizações, que nós ocupássemos aqui a feira e daí por diante com muita luta, muita poeira, chovia, muita lama e não existia essa ligação entre aqui a L Norte, existia a da Boca da Mata que era para subir, ali era um sacrifício, porque chovia [...] a gente ficava atolado, porque era subida, hoje não, está plano.”

“Na época lá, surgiu a idéia da Feira Permanente, que ainda levou algum tempo deles construir para estar igual está hoje. Só que selecionaram os feirantes que eles mais antigos, feirantes que, por exemplo, tinha mais freqüência na feira, aqueles que tinha número de filhos e que tinha, por exemplo, residência aqui em Samambaia, que seria prioridade para aqueles.”

“[...] às vezes, é até motivo da gente trabalhar, cada dia mais gostar da feira, que o dia que eu não venho na feira, fico doente.”

“Inclusive nós estávamos outro dia lá, aí chegou um cidadão, um cliente na banca de um vizinho meu que vende verdura igual você estou, e nós evitamos o desafio, o cliente chegou

na banca do [...] esqueci o nome do rapaz, meu colega, não estou lembrado agora, ele disse 'quanto é que você tá vendendo a mercadoria?' 'a R\$0,80 a batatinha.' 'eu vou ali buscar no mercado a R\$0,29, vou trazer pra você aqui agora.' As pessoas passam a comprar no mercado, como abre no domingo é uma grande concorrência."

"Rapaz nós fazíamos festa e contratava, nego vinha cantar, aqui enchia de gente, teve várias festas, mas patrocinada pelo próprio feirante, que era o representante [...] hoje você está vendo só desunião, você começa a conversar com o feirante, quer tentar botar na cabeça que nós temos que fazer um bem, ele acha que [...] 'ah, num vou mexer com isso não, isso num dá em nada'."

Vicente Peres da Silva

Nasceu na cidade de Unai, Minas Gerais, no dia 28 de fevereiro de 1944, filho de Benedito Peres da Silva e Dominga Teixeira de Sousa. Casado com Ramira Peres de Godoi, pai de dois filhos, chegou a Brasília em 1970, é feirante há 13 anos.

"Foi muito difícil essas feiras, eram as barraquinhas de madeira, que a gente chegava lá molhava todas as mercadorias e era poeira, lama, tudo isso você enfrentava para poder [...] carregava as barraquinhas no ombro, todos os finais de semana você levava e trazia para casa, que não tinha cobertura, não tinha nada, era tudo no tempo."

"Não, que quando eu cheguei ela já existia aqui na 406, e eu estava morando na Ceilândia, aí um amigo meu falou 'ó Vicente, vamo começar (incomp) na feirinha' e eu em agosto de 89 [...] de 88, comecei trabalhar com eles, quando foi em 89 eu já mudei para Samambaia, que eu recebi, 30 de março de 89 e mudei dia 1º de abril."

"Para você ter uma idéia, eu comecei lá com uma dúzia de calcinha, e olha, eu consegui fazer bastante serviço na minha casa, construir aqui."

"Para parar com essa mudança e a gente não está carregando as bancas nas costas, molhando, tendo problema com poeira, com lama, então foi quando criou essa feira aqui."

"Hoje está difícil porque você olha, se compra, não consegue pagar os fornecedores por falta de cliente."

"Aqui eles tinham determinado, inclusive a Sônia determinou que era para funcionar só de quinta à domingo. Mas se você tem interesse de trabalhar, pode abrir todos os dias, por quê não abriria? Não é isso? E foi quando o pessoal ao invés de abrir sábado e domingo, não abria era nunca."

Santa Maria

A feira livre está localizada na Quadra Central 01, com área de 15.540m², possui 224 boxes, funciona provisoriamente, sem legislação de quinta a domingo das 6h às 18h e comercializa: hortifrutigranjeiros, gêneros alimentícios, salgados, armarinho e papelaria, aves e animais vivos de pequeno porte, calçados e confecções, produtos de artesanato, ferragens e ferramentas.

FONTE: Administração Regional de Santa Maria.

José Alves Feitosa

Nasceu na cidade de Teresina, Piauí, no dia 20 de agosto de 1956, filho de Domingos Alves Feitosa e Rita Maria de Albuquerque Feitosa. Casado com Maria dos Prazeres Ramos dos Santos Feitosa, pai de sete filhos, chegou a Brasília em 1973, é feirante há sete anos.

“Devido a grande dificuldade na época, o comércio era um comércio ainda atrasado, aonde a gente via que os moradores tinham dificuldade em comprar verduras, frutas e outros produtos [...] então daí surgiu a idéia da Ilda junto comigo para a gente idealizar uma feira e começou daí [...] nós montamos uma diretoria, fomos para uma eleição, aonde saímos eu presidente e a Ilda vice-presidente [...]. Associação dos Feirantes de Santa Maria e com o nome fantasia ASFESMA [...] eu fiquei quatro anos [...]. Nós fomos ao Administrador de Santa Maria, na época [...]. Santa Maria era jurisdição do Gama, nós fomos ao Administrador do Gama, César Lacerda na época [...]. Fizemos um documento reivindicando a área da feira [...]. Foi tipo um ofício, pedindo a ele que nos cedesse uma área [...] com assinatura da população e também da diretoria, pedindo para que ele cedesse [...] uma área para instalar a feira, e ele, essa área saiu [...]. Automaticamente foi, achou a idéia ótima [...] e que realmente era necessário e não foi, não teve dificuldade para liberar essa área [...]. Começou na Quadra 207, onde hoje é instalado o mercado São José [...]. Nós tínhamos uma faixa de 300 bancas, mas ativa mesmo era uma faixa de 150 bancas.”

“A gente entendeu que a feira no local que ela tinha sido montada, ficava afastada da cidade, ela ficava aqui na beira da Avenida, onde o pessoal tinha que se deslocar de dentro das quadras [...] até a feira [...]. E nós entramos, montamos um ofício para o administrador pedindo que nos cedesse uma área no centro da quadra, e ele nos cedeu uma Quadra 307 [...] foram feiras criadas na época por a primeira diretoria, elas se uniram e desceram para a Quadra Central e formaram hoje a Feira Central.”

“Olha, como eu lhe falei, o que nos trouxe, despertou essa idéia de criar essas feiras, primeiro foi a necessidade da comunidade de adquirir o alimento básico, e segundo lugar a cidade estava iniciando, era preciso que alguém tomasse iniciativa para que deixasse alguma coisa na cidade, que para o futuro fosse [...] não que a gente quisesse fazer história, mas que esse início fosse uma realidade no futuro.”

São Sebastião

A Feira Livre hoje, Feira Permanente, iniciou-se em 1990 e foi inaugurada oficialmente em 1998. Funcionava precariamente debaixo dos eucaliptos, ao lado do atual Posto de Saúde, hoje possui endereço : Área Especial nº 01 – Galpão Multiuso. Aberta de terça a domingo das 8h às 18h com 183 boxes, produtos comercializados : hortifrutigranjeiros, cereais, pescados, aves, suínos, bovinos, calçados, confecções, bijuterias, brinquedos, armarinho, lanches, sorveterias, floricultura, artesanatos e comidas diversas.

FONTE: Administração Regional de São Sebastião/Administração da Feira

Antônio dos Reis Cunha Ladeira

Nasceu na cidade de Pastos Bons, Maranhão, no dia 6 de janeiro de 1962, filho de Raimundo Ladeira Lima e Maria Olívia Cunha e Lima. Casado com Zélia Tavares Moura Ladeira, pai de três filhos, chegou a Brasília em 1990, é feirante há 13 anos.

“Por que quando a gente sai do serviço, tem aquele espaço? Aquele espaço sem renda, e a pessoa que tem família não pode ter aquele espaço sem renda, então eu coloquei a minha mulher na feira, foi fazendo aquele giro, aí quando saía do emprego, tinha que ficar ajudando ela e através desse tempo eu tive que ficar na feira também, porque a idade vai chegando e a gente vai desanimando, procurando emprego e não consegue, aí a gente tem que partir para outra de qualquer jeito, nisso eu comecei trabalhar na feira [...]. Roupas, comercializa importado, mercadorias importadas, ferramentas, CDs, essas coisas.”

“As bancas de madeira, de eucalipto, a gente chegava fincava quatro peças de madeira no chão, fazia aquele tabuado em cima e jogava as coisas ali em cima e quando vinha a chuva cobria com de lona amarrava nos quatro pés ali para o vento não carregar, era uma luta, era uma luta tremenda mesmo.”

“É, hoje já melhorou bastante, antes era um sacrifício, quer dizer, tipo uma aventura mesmo, hoje não, a gente já tem o ponto fixo, já pode deixar as nossas mercadorias, já tem os vigias, então a gente já está mais ou menos como se diz? É, estabilizado, porque antes era muito difícil, a gente trabalhava porque era necessário mesmo [...]”

“[...] tem os fiscais, porque tem os ambulantes que ficam em volta da feira hoje também existe, mas não com tanta intensidade como na época que estava distribuindo os boxes, chovia de gente porque estava todo mundo querendo um espaço, mas só quem tirou foram as pessoas que estavam cadastradas anteriormente[...] eles pegavam as mercadorias, levavam para a Administração, depois a pessoa retirava a sua mercadoria na Administração, eles nunca confiscaram mercadoria de ninguém, que eu saiba não.”

“Eu acho que tem uma importância muito grande, ajuda muita gente desempregada, porque às vezes dá emprego direto ou indiretamente e eu acho que na parte econômica ajuda demais na cidade.”

Edimilson Campelo Couto

Nasceu na cidade de Porção da Pedra, Maranhão, no dia 20 de dezembro de 1959, filho de Raimundo Bernardo Couto e Zilda Campelo Couto. Casado com Umbelina de Larindo Couto Neta, pai de três filhos, chegou a Brasília em 1988, é feirante há 13 anos.

“[...] comprei as 10 calças e as 10 camisas, lá na feira de Ceilândia. Eu tinha um carrinho de mão, botei e fiquei lá, mas 1º domingo não vendi nada, 2º domingo vendi uma camiseta [...] 2º domingo vendi uma calça [...] aí depois já chegou mais um outro rapaz [...] o cara tinha mais mercadoria. Começamos devagarinho, nós dois, tinha um galpão, uma loja de um mercado, uma puxada igual essa aqui de três metros. Domingo lá no sol quente, começamos vender aquelas pecinhas [...] depois com um mês, dois, três meses começou aparecer, mas já nego, pessoal do Guará, do Paranoá, pessoal de fora também [...]. Depois nós mudamos desse local pra cá, para uns eucaliptos que tinha aqui [...] de lá nós mudamos em 90 [...] já

viemos para o setor ali, outro setor, em 90 [...]. Todos os feirantes mudamos que lá já estava tomando a estrada, o presidente da associação de morador, ele mudou, nós viemos para ali, pouquinho, eram uns 30 mais ou menos, 30 pessoas, tudo feirante [...]. Aqui nós vendemos roupa para homem, criança, para tudo [...] é porque eu acho [...] foi o único meio que eu achei que é melhor. Mercadoria, ela não estraga, outras coisas, alimento, essas coisas acho que é mais difícil o cara tocar, uma roupinha não, fica aí uns cinco meses, três meses, aí fica bom.”

“Era tudo na madeira, primeiro eu fiz uma de ferro, aquelas de montar, aí a gente começou, depois de lá para o eucalipto eu fiz uma de madeira, que era de um pau para outro, a gente fez uma tipo assim, botei a lona e amarrei ela lá na madeira cerrada.”

“[...] nós criamos a associação realmente em 91, de lá para cá até hoje está atuando [...] Uma taxa para associação, para a limpeza e segurança também, guarda, essas coisas.”

“Eu acho que sim, que feira é uma coisa, está no sangue de todo mundo[...] feira é feira, então eu acho que tem que existir.”

Sobradinho

A Feira Modelo de Sobradinho foi criada em 1973 por pioneiros da cidade, está instalada na Quadra 08 e vende : roupas, alimentos, hortifrutigranjeiros e utensílios em geral. Possui cerca de 318 bancas. Funciona de segunda a domingo, das 7h às 16h.

A Feira Permanente do Setor Oeste foi criada em 1998 é resultado do progresso e expansão de Sobradinho II. Está instalada na AR 05 e possui cerca de 210 bancas. A exemplo da Feira Modelo vende de comida a utensílios em geral. O horário de funcionamento é das 7h às 16h, de segunda a domingo.

A Feira da Lua ganhou consistência em 2000. Reúne vários artesãos da cidade e é famosa por suas confecções, quadros, esculturas, enfim pelos trabalhos artísticos, periodicamente recebe cantores de várias partes do DF. Está localizada na Quadra 08 e funciona todas as sexta-feira das 16h às 22h. É um ponto de encontro da cidade, onde a população aproveita para passear com a família e comer comidas típicas também presentes na feira. Vende também hortifrutigranjeiros e conta com aproximadamente 185 bancas.

A feira da Quadra 16 foi criada em 2000 e comercializa hortifrutigranjeiros de todos os tipos. Funciona somente aos sábados das 6h às 13h e conta com um movimento intenso de pessoas em busca de hortaliças, ovos e carnes frescas, são 84 bancas.

A Feira do Produtor, como o próprio nome já diz, possui produtos cultivados na zona rural de Sobradinho. Foi criada em 1984 e hoje conta com aproximadamente 80 bancas. É bastante procurada pela comunidade sobradinhense que compra legumes, verduras, carnes, ovos, especiarias e outros produtos. Funciona somente aos domingos das 6h às 13h.

FONTE: Administração Regional de Sobradinho.

Sobradinho II

A feira de Sobradinho II teve início em 1989 como feira provisória, depois virou feira livre até 12 de janeiro de 2000, que por força da Lei Complementar de nº 276 passou a ser permanente. Foi inaugurada dia 02 de abril de 1998, com um total de 218

boxes. Funciona por meio de ordem de serviço publicada no Diário Oficial do Distrito Federal em 30 de agosto de 1998, de quinta-feira a domingo. Comercializa roupas, comidas típicas, verduras, sapatos, açougue, lanches e demais variedades.
FONTE: Administração Regional de Sobradinho II / Serviço de Administração de feiras.

Deuselina do Vale Carvalho

Nasceu na cidade de Boa Viagem, Ceará, no dia 09 de março de 1959, filha de Manoel Bezerra do Vale e Luíza do Vale. Casada com Antônio Argentino de Carvalho, mãe de dois filhos, chegou a Brasília em 1975, é feirante há 30 anos.

"[...] trabalhei com roupa, com rendas, e de repente casei, com o esposo também aqui de Sobradinho, do Ceará claro. A residência dele já era aqui em Sobradinho, a profissão dele também era essa, a gente trabalhava com fruta, verdura e depois a gente, um pouco cansado de levantar na madrugada para iniciar essas coisas todas, e a gente passou a modificar, tipo, fomos substituindo aos poucos, passamos para vender grãos [...] feijão, milho, uma variedade enorme, farinha, algumas coisas e de repente a gente passou a montar hoje é uma mercearia, uma mini mercearia."

"A feira de Sobradinho, as questões da Feira Modelo, ela antes era na quadra 08, era chão [...] ela veio do chão mesmo, não existia a feira, era lona, o pessoal montava aquela barraca e de noite desmontava aquilo tudo para levar para casa."

"[...] eu acredito que hoje, a gente já tem mudado muita coisa, antes era tudo administração, governo tomava conta, hoje então, já há uns três, mais ou menos uns 10 anos atrás eles vêm passando essa responsabilidade para o próprio feirante. A gente na realidade, hoje o feirante, ele é quem está cuidando das próprias feiras."

"Eu tenho, são quase 30 anos de trabalho, não são 30 dias, a gente tem aqueles clientes de muitos anos, aqueles que a gente vende no caderninho, que vende no cheque para 30 dias [...] tenho uma clientela graças a Deus boa, que é fiel de todo [...]."

"Eu creio que a feira sempre fez parte, porque ela atende [...] a criação da feira é para atender na realidade, é um serviço ali que atende o público da própria cidade [...] então eu creio aquilo vem criando um vínculo até com os moradores, com pessoas mais antigas que vão sempre, procuram todos os dias [...]."

Marconi Weber da Silva

Nasceu na cidade do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, no dia 22 de março de 1953, filho de José Veríssimo da Silva e Quêlina da Silva. Casado com Maria da Conceição de Souza da Silva, pai de duas filhas, chegou a Brasília em 1958, é feirante há oito anos.

"Hoje eu tenho, eu faço vendas de aves e pequenos animais, eu tenho uma variedade, frango, perus, patos, gansos, marreco, coelhos, é uma variedade de animais [...]. Tudo é comercializado na feira e produzido por mim mesmo, eu não compro nada, a produção toda é minha, sou eu que faço a produção."

“[...] existia a feira no final de semana, que ela era sexta, sábado e domingo, lá na Quadra 08, e ela era umas feiras bem rústicas mesmo, umas barraquinhas de madeira, a pessoa botava quatro pau aqui, uma lona em cima, cobria aí pra lá vender os produtos. Pessoas simples da região que iam pra lá, e essa feira ela realmente era como se diz, a festa da cidade, que reunia todo mundo [...] ela foi mudando, melhorando, passou a ter a Feira Permanente, que hoje ela já não está mais assim como era antigamente [...] aí foram surgindo as outras feiras. Surgiu a Feira do Produtor [...] coordenada pela EMATER, foi fundada a Feira do Produtor, que eu fui um dos fundadores lá também, aí veio a Feira da Lua, que surgiu através de um produtor da cidade, que teve a idéia de fundar essa feira e vieram outras feiras. A EMATER realmente começou a se desenvolver no sentido de buscar os produtores da região para eles se envolvessem nessas feiras.”

“Elas trazem realmente um benefício para a população de Brasília, não trazem um benefício assim é que seja coerente a todos porque você sabe, em cada feira tem uma falha, então eu não posso apontar as falhas das outras feiras porque eu não conheço bem [...] elas dão um resultado favorável a quem está trabalhando [...]. Agora as feiras de Sobradinho, eu acredito realmente que elas tem um resultado favorável a todos aqueles que trabalham com uma certa firmeza, uma certa seriedade.”

“A gente fica contando, trabalhando a semana todinha e fica contando na sexta-feira para ir para a feira, fica esperando. Na sexta-feira eu estou lá, eu vou estar envolvido com os colegas, vou estar lá conversando com um, brincando com um, mexendo com outro, tirando proveito, esquecendo os problemas que a gente tem aqui dentro [...] acredito que realmente eu vou realmente estar sempre envolvido com isso [...].”

Sudoeste/Octogonal

A Administração Regional do Sudoeste/Octogonal informou que não existe nenhuma feira livre implantada no Setor.

FONTE: Administração Regional do Sudoeste/Octogonal – Gerência de Obras e Licenciamento.

Taguatinga

A Feira Permanente de Taguatinga foi inaugurada em 03 de setembro de 1977 com 129 boxes. Está localizada na QNL/QNJ – Área Especial s/nº, funciona regularmente por meio da Ordem de Serviço publicada em 12 de janeiro de 1993, de terça a sábado das 8h às 18h, domingos e feriados das 6h às 14h.

Os produtos comercializados: lanches, calçados, confecções, frutas e verduras, cinefotos, artigos para presentes, armarinho em geral, salão de beleza, artigos importados, brinquedos, utilidades do lar, temperos, flores e plantas, cosméticos, mercearia, doces e queijos, aves, carnes, ovos, peixaria, consertos em geral.

Taguatinga também possui várias feiras livres como: Feira Livre da QND 05/06 inaugurada em 1972 com 61 boxes; Feira da M-Norte inaugurada em 1972 com 48 boxes; Feira do Bicalho de Taguatinga inaugurada em 1972 com 221 boxes; Feira Livre da Vila Dimas de Taguatinga inaugurada 1972 com 49 boxes; Feira Livre do Clube dos 200 de Taguatinga inaugurada em 1972 com 54 boxes; Feira Livre do Cine Rex inaugurada em 1972 com 109 boxes.

Funcionam por meio de Ordem de Serviço publicada em 12 de janeiro de 1993. Os produtos comercializados são: calçados, confecções, utilidades para o lar, artesanato, fumo de corda, aves vivas, caldo de cana, doces, queijos, legumes, temperos, frutas, verduras, cereais, peixes, ovos, flores, plantas, armarinho, bijuterias e lanches.

A Feira dos Importados de Taguatinga foi inaugurada em 1996 com 441 boxes. Está localizada na Área Especial nº 07 setor C – Taguatinga Centro. Funciona de terça a domingo das 8h às 18h. A feira funciona por meio da Ordem de Serviço publicada em 12 de janeiro de 1993. Os produtos comercializados são industrializados diversos e lanches.

A Feira do Produtor de Vicente Pires foi criada em 05 de julho de 1995 no galpão do produtor com área de 200m², com consentimento da Fundação Zoobotânica. Com recursos dos próprios feirantes o galpão da feira foi acrescido em 900m² em 1996, e com recursos do GDF, em 1999, aumentou mais 1.850m². Hoje a Feira do Produtor possui 84 bancas, 37 boxes e 21 módulos da praça da alimentação. Funciona aos sábados e domingos, das 7h às 13h por meio da Lei Complementar nº 1885 de 27 de janeiro de 1998 e sobre os preceitos da Lei Complementar nº 1828 de 13 de janeiro de 1998.

Os produtos comercializados são: Hortifrutigranjeiros, agroindustrializados e manufaturados em pequena escala.

FONTE: Adm. Reg. de Taguatinga/DRSP e AFEIVIPS (Assoc. dos Feirantes da Feira do Produtor de Vicente Pires).

Armene Nerces Abrahan Abikian

Nasceu no Líbano no dia 8 de janeiro de 1935, filho de Abraham Abikian e Azmiu Abikian. Casado com Salete Acioli Abikian, pai de quatro filhos, chegou a Brasília em 1957, é feirante há 45 anos.

“Então nós fazíamos aquele feirão [...] Taguacenter até chegar Mercado Norte, essa área todinha era uma feira enorme, uma coisa grande [...] eu vendia de tudo [...]”

“Eu fui feirante mais antigo há 16 anos armando e desarmando barraca, eu 16 anos depois ganhei uma lojinha lá, com seis meses sem pagar aluguel, sem imposto, e depois desses 16 anos de luta que nós ganhamos essa loja, e a preferência era que 400 feirantes na época nós fomos escolhidos 130, só tinha 130 lojinha construída, o restante ficou continuando as feiras, continuando e nós tocando.”

“[...] Aí a Administração de Taguatinga resolveu fazer essa Feira Permanente, primeira feira permanente foi construída justamente lá na L Norte.”

“[...] quando surgiu feira permanente eu pus as mãos para os céus e dei graças a Deus, ter minha loja, vou chegar abrir tudo, aquela higiene, mas nenhum dos meus colegas não valorizou isso, todos meus colegas do meu ramo voltaram para feira de novo, eu único fiquei lá, único até hoje, eu sou bandeirante, iniciei primeiro.”

Elmiro da Cunha Pinto

Nasceu na cidade de Monte Carmelo, Minas Gerais, no dia 11 de agosto de 1945, filho de Ozarino Pinto de Oliveira e Francisca Maria de Jesus. Casado com Antonieta Fernandes Pinto, pai de três filhos, chegou a Brasília em 1968, é feirante há 29 anos.

“Depois que saí da Ceilândia fui trabalhar aqui em Taguatinga com feira também.”

“Ainda hoje nas nossas feiras volantes ou feiras livres continuam esse mesmo processo, é por isso que disse para você que é muito dispendioso para nós feirantes, que nós temos que chegar quatro e meia na feira para a gente descarregar o carro, montar as barracas, para até as 6 horas já está com tudo pronto, faça chuva ou faça sol.”

“[...] o freguês de feira é fiel [...] chega quando já é acostumado com você, faz questão de conversar com você, dialogar igual estamos conversando aqui também, a gente tem essa liberdade na feira. Então é um convívio, vai se tornando uma família também.”

“[...] eu acho que a feira é uma tradição milenar e isso acho que não vai acabar [...]”

“O dia-a-dia do feirante essa correria, que nós vivemos, você sai cedo e trabalha, vende, vem para casa é aquela rotina.”

José Cosme de Paula

Nasceu no município de Santo Sé, Bahia, no dia 12 de agosto de 1931, filho de José Francisco de Paula e Maria Manuela de Paula. Casado com Eulina da Silva Paula, pai de nove filhos, chegou a Brasília em 1960, é feirante há 41 anos.

“No início eu trabalhava ambulante, lá pela Vila Amauri, trabalhava para o Núcleo Bandeirante vendendo ali naquelas quebradas [...]. Nas ruas do mercado velho, antigo.”

“[...] saía aqueles companheiros todos que iam para a feira, uns tinham carrinho de mão, outros caminhonete, os que estavam mais em condições tinham um carrinho. E nós era carrinho de mão, comecei assim.”

“Para nós naquele tempo a concorrência [...] era mínima, era assim, tudo que a gente chegava lá na feira eu vendia.”

Sebastiana Alves da Silva

Nasceu na cidade de Grupiara, Minas Gerais, no dia 25 de janeiro de 1949, filho de José Alves Rodrigues e Ana Maria de Jesus. Casada com Valdivino da Silva, mãe de dois filhos, chegou a Brasília em 1960, é feirante há 9 anos.

“[...] porque toda vida a gente teve chácara, eu me casei, eu trabalhava de enfermagem um período e outro eu morava na chácara, então eu achava assim um negócio chato, porque o pessoal chegava na chácara, a gente gastava tanto para plantar, para criar e as pessoas chegavam e simplesmente ‘Ah, me dá isso, me dá aquilo,’ carregava, quer dizer, você ficava só no prejuízo do trabalho, aí eu falei ‘bom, por quê que a gente num monta uma feira? A gente vai nos lugares aí o pessoal tá vendendo as coisas, por quê a gente não vende também?’.”

“[...] Cheguei disse ‘gente eu já vou me aposentar, como é que a gente vai fazer, a gente tem que arranjar alguma coisa pra fazer e vamo [...]’ aí começamos a feira, já tinha esse galpãozinho pequeno aqui, aí começamos essa feira, poucas pessoas, a pessoa vinha uma vez, duas aí não vendia, desanimava e a gente incentivando. Eu trocava, eu fiz o curso, comecei a fazer curso, fiz embutidos e defumados, por que eu criava muito porco, comecei é matar galinha caipira, limpar, aquelas coisas todas. Nunca plantei assim hortaliça, meu negócio mais são conservas, aproveitar as frutas, geléias, trabalho com carnes, que eu crio porco, coelho,

marreco é essas coisas, eu faço lingüiça.”

“Frango caipira, carne de porco, em geral eu tenho rocambole de frango, de porco, paçoca de carne seca, tenho pimentas, manteiga de garrafa, doces, geléias, temperos, tudo caseiro, o que eu posso aproveitar eu vou processando [...] é porque é mais fácil, é o que eu tenho. É o que eu tenho na minha fazenda, no meu quintal aqui, então é o que eu faço [...]. Eu sou uma das fundadoras [...]. Desde que começou ela [...] 95 [...] Desde o primeiro dia da feira eu estou aqui.”

“[...] e eu me lembro que a minha primeira banca era tampa de um fogão, a gente punha os negócios em uns cavaletinhos, foi muito difícil!”

“[...] tem gente, eu tenho cliente que vem da Asa Norte, que fala que isso aqui virou cachaça, que eles vêm todo domingo nem que seja pra comer o curau e a pamonha e bater um papo com a gente [...] eu acho que tem uma importância muito grande, porquê você tem condição, por exemplo, é tem tanto nordestino que chega aqui fala assim: ‘ Ah, eu só via essa paçoca na minha cidade, pôxa lá na minha terra,’ ‘Ah, aquela manteiguinha de garrafa, que a gente num acho em lugar nenhum’ [...] então eu acho que é interessante.”

Zenildo Ferreira de Melo

Nasceu na cidade de Caruaru, Pernambuco, no dia 22 de junho de 1938, filho de Testuriano Ferreira de Melo e Santina Ferreira de Melo. Desquitado, pai de sete filhos, chegou a Brasília em 1961, é feirante há 35 anos.

“Aí eu digo: ‘padrinho, eu não vou mais trabalhar com isso não! Eu vou inventar qualquer coisa’, tinha um caminhão de fruta lá no Núcleo Bandeirante, eu fui no Núcleo Bandeirante falar com meu padrinho, aí eu cheguei assim e disse: ‘Rodrigo, não é fácil de você me arrumar uma frutinha dessa não? Pra eu levar, abrir lá pro lado de Taguatinga, lá pra’quele meio de mundo!’ Aí ele falou pra mim: ‘Vem cá! Eu não te conheço, como é que eu vou vender? Eu não te conheço!’ Eu digo: ‘não, mais pela cara você conhece o homem.’” Aí ele olhou assim, e disse: ‘é mesmo, rapaz! Você quer fazer a sua vida com que?’ Eu digo: ‘eu queria comprar aqui no Bandeirante, se você quiser me ceder um pouquinho de fruta, aí eu ia levar para uma Taguatinga que tinha aí!’ ‘Ah! Rapaz um lugar chamado Taguatinga?’ Eu digo: ‘É!’ ‘Não dá não, é muito longe, cheio de poeira, você é doido, é?’ Eu digo: ‘eu não, eu não sou doido não, eu quero é fazer a minha vida, porque eu tenho mulher e filho’. Aí eu digo: ‘ó você me vende?’ ‘Vendo, vendo.’ Aí eu peguei botei dentro do ônibus umas bananas, umas laranjas, o cara disse: ‘eí rapaz!’ ‘Aí eu quase que vendi as frutas quase tudo, dentro do ônibus.”

“[...] um dia, chegou lá um caminhão com engenheiro, marcando lá no Mercado Norte. Marcando, botando aquelas ‘estaquinhas’, aqueles pedacinhos de pau, marcado.”

“É, aí foi chegando, foi chegando gente, foi chegando gente, gente, aí o pessoal ‘eita! A feira cresceu demais.”

“A maioria já estava morando em Taguatinga, outro Vila Dimas, Vila Matias, no Núcleo Bandeirante, vinha pra cá e fazia a feira, o governo pegou esse pessoal todinho, legalizou tudo direitinho. Vocês vão fazer tal lugar, tal lugar, a gente não parava de fazer feira. Não parava, mas primeira coisa que fizeram aqui dentro de Taguatinga foi onde tem aquele balão, no Centro de Taguatinga.”

"[...] Aqui nessa feira eu fui representante uma vez, quando começou que eu fui um dos primeiros a inaugurar essa feira aqui, um dos primeiros."

"[...] Nós temos uma feirinha aqui do lado da Feira Permanente, eu cheguei vi eles botando uns estoquinhos, eu digo: 'Amigo! Vai ser o que aqui?' 'Ah, vai ser a Feira Permanente.' Aí um feirante olhou para mim e disse: 'Ei Zenildo! Aquela idéia que você deu, olha! Mais bicho!' Ele bateu em mim, assim: 'Ô bicho, tu é inteligente, caramba! Ó lá!' Aí, foi surgindo, surgindo, foi inaugurado."

"[...] graças a Deus o que eu tenho, eu entrego para Deus, foi ganhado da feira!"

"[...] gosto muito daqui, amo feira, adoro feira, adoro feira, coisa boa é aquele que você trabalha, aquilo que você gosta."

Varjão

A Administração Regional do Varjão, informou que a feira existente na cidade foi criada em 1991, com um ônibus e seis barracas. São comercializados frutas, verduras, ervas, doces e artesanato.

Está situada na Quadra 02, Área Pública e seu horário de funcionamento é das 14:30 às 18h, somente às terças-feiras.

FONTE: Administração Regional do Varjão.

Sindicato do Comércio Varejista de Feirantes de Brasília – DF.

Francisco Valdenir Machado Elias

Nasceu na cidade de Independência, Ceará, no dia 03 de fevereiro de 1952, filho de Benedito Adrovano Machado e Mônica Elias de França. Casado com Ana Oneida Vasconcelos Machado, pai de dois filhos, chegou a Brasília em 1960, é feirante há 41 anos.

"[...] eu assumi o sindicato dia primeiro de janeiro de dois mil, esse sindicato, antes eu era presidente da Associação da Feira Central de Ceilândia [...]."

"[...] quando foi em 77 houve a necessidade dessa associação vir a mudar para sindicato. Você vê bem e olha, como que era, era Associação Profissional do Comércio Varejista dos Feirantes em Brasília, Distrito Federal. E aí foi dada a entrada, veio como nome: Sindicato do Comércio Varejista de Feirantes de Brasília – DF [...] a nossa carta sindical veio, foi Arnaldo Prieto, que era Ministro do Trabalho naquela época. Foi ele quem assinou a nossa carta sindical dia 13 de abril de 78 [...] tivemos lutas históricas no sindicato, de conquista."

"Toda reivindicação que os feirantes têm, que chega ao nosso conhecimento, nós representamos ele junto às autoridades competentes no Distrito Federal e até fora do Distrito Federal. Qualquer problema que tenha as associações ou alguma coisa assim é tudo o sindicato é quem resolve [...] mas a nossa base hoje, nós somos 19 mil feirantes nas 58 feiras que o Distrito Federal tem [...] a nossa representação são as feiras do Distrito Federal e o nosso sindicato é filiado à Federação do Comércio do Distrito Federal, Federação é um órgão representativo do comércio local, de todo o comércio, independente se é ambulante, feirante,

o que é que seja, mas ele é o representante de todos nós, e automaticamente a Federação do Comércio é ligada direta a Confederação Nacional do Comércio [...] nós atuamos em Brasília pela CLT, não pode haver mais de que um sindicato, o único sindicato representado de feiras do Distrito Federal é só o nosso [...] nosso sindicato é um sindicato patronal, nós defendemos o interesse do comércio [...]. O comércio dos feirantes.”

“[...] as adesões ao sindicato elas são voluntárias. Nas constituições não permite e nós também não obrigamos ninguém, é tão provável que a nossa base hoje são 19 mil, filiados ao sindicato, tem mais ou menos 1500, 2000 feirantes só, então nós não obrigamos ninguém, agora o sindicato oferece [...] muitos serviços para o associado, [...].”

“[...] nós temos uma lei que regulamenta as feiras do Distrito Federal, é a lei 1828, ela diz o seguinte: que para manutenção e conservação das feiras livres e permanentes os feirantes terão que se organizar com associação ou condomínio. Porque a grande verdade, o sindicato não é feito para administrar feira, o sindicato é representativo, aí que é o grande problema, o sindicato é representativo, as associações não, elas vão prestar serviços, o sindicato vai apenas representar o feirante [...].”

“[...] Hoje nós somos ouvidos e antes nós não éramos, reivindicação, era feirante, ‘não oh! Mete a borracha, põe esse cara daqui para fora, esses caras só querem pedir’ [...] hoje nós somos, olha bem, hoje o Governador recebe o presidente do sindicato igualmente recebe o Presidente da Federação do Comércio, igual recebe o Ministro, mesma coisinha, não existe diferenciação, e eu acho que isso aí foi uma conquista muito grande do nosso seguimento.”

“Eu sou meio suspeito para falar porque eu defendo o seguimento, mas eu acho que é o maior patrimônio que Brasília tem são as feiras do Distrito Federal, porque ela tem história, ela não é, ela foi começada com suor, ela não foi começada com dinheiro. Então eu acho que esse patrimônio, infelizmente muito poucos governantes, autoridades que têm essa visão, que realmente queira resgatar isso aí, realmente feira em Brasília você vê ela é diferenciada de todo Brasil.”

“Olha ser feirante eu acho que é dignidade, valor moral, você saber dar valor ao ser humano, que você busca no teu sofrimento do dia-a-dia, no suor do teu rosto, na poeira que você pega, num fio de cabelo que você perde, você saber dar valor ao ser humano.”

4 Referências Bibliográficas

ALMEIDA, Mário de. **O Comércio no Brasil**: iluminando a memória. Rio de Janeiro: Confederação Nacional do Comércio, 1995. 202 p. il.

AS FEIRAS livres de hoje. Disponível em: <http://www.rio.rj.gov.br/clf/feiras/actual_1.htm>. Acesso em: 11 fev. 2004.

BAKHTIN, Mikhail. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento**: o contexto de François Rabelais. São Paulo: HUCITEC, [Brasília]: Editora da Universidade de Brasília, 1987, 419 p.

ARQUIVO PÚBLICO DO DISTRITO FEDERAL. **O Programa de História Oral do Arquivo Público do Distrito Federal**. Brasília, 1998. 37 p.

DISTRITO FEDERAL (Brasil). Câmara Legislativa. **Lei Orgânica do Distrito Federal**. 2ª ed. atual. Brasília, 2000. 248 p.

-----. Decreto nº 1.635, de 10 de março de 1971. Institucionaliza as Feiras Livres do Distrito Federal, disciplina o seu funcionamento e dá outras providências. **Diário Oficial do Distrito Federal**, Atos do governador, Brasília, DF, 11 mar. 1971. Seção I, p. 4-5.

-----. Decreto nº 15.743, de 28 de junho de 1994. Aprova o Regulamento Geral da Administração e do Funcionamento da Feira de Artesanato da Torre de Televisão de Brasília. **Diário Oficial do Distrito Federal**, Atos do Poder Executivo, Brasília, DF, 29 jun. 1994. Seção I, p 1-4.

-----. Lei nº 235, de 15 de janeiro de 1992. Regulamenta o funcionamento das Feiras Livres e Permanentes no Distrito Federal e dá outras providências. **Diário Oficial do Distrito Federal**, Atos do Poder Legislativo, Brasília, DF, 17 jan. 1992.

-----. Lei nº 1.828, de 13 de janeiro de 1998. Disciplina a organização e o funcionamento das feiras livres e permanentes no Distrito Federal. **Diário Oficial do Distrito Federal**, Atos do Poder Legislativo, Brasília, DF, 19 mar. 1998. Seção III.

-----. Secretaria de Governo. **Núcleo Bandeirante 1956-1974**. Brasília, 1974. 61 p. il.

FEIRA nordestina. – Disponível em: <<http://www.rio.rj.gov.br/clf/feiras/nordeste.htm>>. Acesso em: 11 fev. 2004.

HISTÓRIA da feira livre: histórico das feiras livres na cidade do Rio de Janeiro. Disponível em: <<http://www.rio.rj.gov.br/clf/feiras/historia.htm>>. Acesso em: 11 fev. 2004.

LOPES, Wilson Wander. **Ceilândia tem memória**: duas décadas, meio milhão de habitantes. Brasília: Comunidade, 1993. 205 p. il.

OLIVEIRA, Juscelino Kubitschek de. **Por que construí Brasília**. Rio de Janeiro: Bloch, 1975. 370 p. il.

SILVA, Ernesto. **História de Brasília**: um sonho, uma esperança, uma realidade. Brasília: Centro Gráfico do Senado Federal, 1985. 398 p. il.

TAMANINI, L. Fernando. **Recordando como foi Brasília um dia**. [Brasília], [1994]. Não paginado.

VASCONCELOS, José Adirson. **A Epopéia da Construção de Brasília**. Brasília: Centro Gráfico do Senado Federal, 1989. 219 p. il.

-----. **Mil dias para uma cidade**. Brasília: [s.n.], 1963. 95 p. il.

Formato fechado

19 x 24 am

Papel

Capa: couchê 180g/m²

Miolo: off-set 90g/m²

Tiragem

2.000 cópias

Impressão

Artes Gráficas e Editora Pontual Ltda

Endereço: SIG/Sul, Qd. 08, lote 2.315

Brasília - DF

Fone: (61) 344-1210 e 344-2819

Fax: (61) 344-3041

e-mail: graficapontual@ibestvip.com.br

EQUIPE DO ARPDF

Superintendência

Zeneide de Sousa Pantoja (Superintendente) - José Leonardo C. Queiroz (Chefe de Gabinete)- Veruska Pfeifer Rachid - Ailton Fernandes da Silva - Cláudio Márcio Almeida de Lima - Cláudia Rejane C. F. Pereira - Anderson Sousa Matias (Gerente de Informática) - Paulo César Gusmão - Cleverton de Jesus Silva - Carlos Eduardo Silva.

Diretoria de Gestão Documental

Carlos Almeida Cardoso (Diretor) - Joaquim M. Barros Neto - Anderson dos Santos Ribeiro - Elizabete Silva Oliveira.

Diretoria de Pesquisa

Silvia Regina Viola de Castro (Diretora) - Helcy Fátima Bonifácio Perez Nunes - Clêmia Lucas B. Teixeira - Elaine Marly L. Lima - Lydia Fernandes Borges - Viviane Irene Fonseca Dornas - Marta Meneleu Brandão Gracindo - Átila Jozsef Amorim Cseke.

Diretoria de Arquivo Permanente

Luciana Maria Rodrigues Gresta (Diretora) - Adriana Gonçalves Silva - Elizângela Melo Borges Fabiana Marlia Bezerra - Paula Regina V. de C. Souza - João Xavier da Silva - Luiz José Borges Neto - Dalva Sousa do Nascimento - Marcelo Gomes Durães - Rosângela Moura França - Rosângela Souza de Moraes - Vani Rodrigues - Priscilla Barreto Valença.

Diretoria Cultural

Doranilde Maria D. S. Barbosa (Diretora) - Maria Auxiliadora Santana - Valda Maria de Queiroz - Aldair Silva Couto - Zeneide Mendes Pereira - Ana Rogéria Martins Oliveira - João Paulo Alencar Monteiro.

Gerência de Apoio Operacional

Virgínia de Fátima Gonçalves (Gerente) - José Cláudio Silva Ferreira - Jomar Nickerson de Almeida - Justino Moura de Souza - Luiz Carlos M. Martins - Maria Aparecida L. Araújo Maria do Carmo P. de Souza - Joselita P. S. de Souza - Maria da Conceição M. C. Pernambuco - Priscila Borges de Souza - Arquimedes Silva Costa - Sebastião Brun Filho - José Roberto Carlos da Silva - Edílcio de Oliveira Cruz - Fernando da Cruz Pereira - Silvaneia Correia Pinheiro - Emerson Rita Limeira - Leônidas Fernandes dos Santos - Ana Cristina Gonçalves - Lúcia Maria Damasceno Fernandes - Maria José de Souza Fernandes.

